Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



JOAN BLONDELL e ERROL FLYNN na mais alegre das cine-comédias «O HOMEM PERFEITO», que a S. I. F. apresenta e distribui

2.ª SÉRIE — N.º 21 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 31 DE MARÇO DE 1941 — PREÇO: 1$50

As aventuras irresistíveis dum casal de malucos!

Eles mordem-se...
Eles batem-se...
Eles arranham-se...



E sabem porquê?

Porque ao fim de três anos de casados descobriram que eram solteiros!...



Isto, que é delicioso, acontece com

CAROLE LOMBARD E **ROBERT MONTGOMERY**

EM

«O MEU MARIDO É SOLTEIRO!»

(Mr. and Mrs. Smith)

UMA REALIZAÇÃO MAGISTRAL E ATREVIDA DE

ALFRED HITCHCOCK

O HOMEM QUE DIRIGIU

«REBECCA»

O PRESENTE DA PASCOA DO

Tivoli



2.ª série N.º 21 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65. Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

31 de Março de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A Assembleia Geral da Tobis Portuguesa aprovou o relatório e as contas de 1940

e reelegeu os Corpos Gerentes para o novo triénio 1941-1943

Realizou-se no passado dia 28 do corrente a Assembleia Geral Ordinária dos Accionistas da Tobis Portuguesa, para apreciação do relatório e contas da Administração e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1940, e para eleição dos corpos gerentes para o triénio 1941-1943.

Presidiu o sr. dr. Caetano Beirão da Veiga, secretariado pelos srs. Francisco Santos e Manuel da Silva.

Como era de esperar, as contas, o relatório e o parecer foram aprovados, e reeleitos os corpos gerentes, isto é: o sr. dr. Caetano Beirão da Veiga para Presidente da Assembleia Geral, o sr. dr. António Horta e Costa, para Vice-presidente da A. G., e os srs. arquitecto Cotinelli Telmo e engenheiro Carlos Santos para Secretários; o Conselho de Administração, composto pelos srs. dr. Artur de Campos Figueira, dr. Eduardo Rodrigues Pinto, Joaquim Roque da Fonseca, João Ortigão Ramos e Isidoro Hasson, e o Conselho Fiscal, composto pelos srs. dr. Fernando Tavares de Carvalho, António Costa Carvalho e dr. José Galhardo. A reeleição dos corpos gerentes afigura-se perfeitamente justa, compreensível e lógica, uma vez que se não esqueça a obra notável — sem favor — realizada na administração da Companhia nos últimos anos, obra que transformou um estado que sem exagêro se podia julgar desesperado numa situação de perfeito desafôgo. A situação da Companhia não se pode classificar de próspera apenas em virtude do regime intermitente e irregular que ainda não foi possível arredar da produção nacional. Justo é destacar a acção do Administrador-Delegado, dr. Rodrigues Pinto, principal obreiro da reconstrução da Tobis Portuguesa.

«Animatógrafo» felicita-se com os resultados da Assembleia Geral do dia 28, e cumprimenta as individualidades reeleitas, de cuja acção muito tem a esperar ainda a cinematografia portuguesa.

Relatório do Conselho de Administração

Pelo seu interêsse, até de ordem geral, transcrevemos a seguir, na íntegra, o relatório do Conselho de Administração:

Senhores Accionistas:

«Cumprindo a Lei e os Estatutos, o Conselho de Administração tem a honra de submeter à vossa apreciação o relatório, balanço e conta de Ganhos e Perdas relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1940.

Os Conselhos de Administração e Fiscal, reünidos em sessão conjunta, resolveram que o saldo de Esc. 38.903$70 de 1940, que adicionado ao de Esc. 2.122$15 do ano anterior perfaz Esc. 41.115$85, tivesse o seguinte destino:

1.º — Para fundo de Reserva Legal	5.000$00
2.º — Para amortização da conta Estúdio	25.451$32
3.º — Para amortização da conta Móveis e Utensílios ...	1.249$00
4.º — Para amortização da conta Filmes Próprios	6.061$33
5.º — Para conta nova	3.354$20

O ano de 1940 a-pesar-de todos os esforços, não teve os resultados que desejavamos por durante êsse ano só ter sido produzido nos Estúdios da Companhia o filme «Pão Nosso», além da conclusão do filme «João Ratão» e pequenos trabalhos.

Devido ao retraimento de capitais ocasionado pela Guerra, não foi possível, mesmo com o êxito do filme «João Ratão», reünir os capitais necessários para produzir filmes.

Contudo, neste ano fizeram-se estudos e deligências que permitirão que no ano de 1941 haja mais produções e continuidade na produção.

Nas contas, figuram as Contas em Participação dos filmes «Varanda dos Rouxinois» e «João Ratão». As receitas líquidas de exploração dêsses dois filmes no ano de 1940, foram levadas no total a crédito da conta do custo dessas produções.

Assim, a rubrica Filmes em Participação aparece reduzida em Esc. 961.594$66 em relação ao ano anterior, sendo esta importância, adicionada ao restante do custo da produção do filme «João Ratão» (concluido em Abril de 1940), a importância da receita líquida de exploração dêsses filmes em 1940.

As receitas líquidas da exploração dos Filmes em Participação, referem-se a doze meses de exploração da «Varanda dos Rouxinois» e nove meses do filme «João Ratão»; faltam ainda muitas exibições no Continente, Colónias Portuguesas, Brasil e restantes países com exclusão dos Estados Unidos da América do Norte.

Conseqüência dos estudos e preparação efectuados no ano de 1940, encontra-se já em filmagem o filme «Lôbos da Serra» e estão dois filmes em preparação.

Outros filmes encontram-se em estudo, sendo de prever que no ano de 1941 sejam concluidas três produções.

Com o prolongamento da Guerra, vai diminuindo o retraimento de capitais, e, a boa situação económica da Companhia dá cada vez mais sólidas garantias de restituïção dos capitais que forem invertidos.

Coincidindo o exercício de 1940 com a terminação do nosso mandato parece-nos oportuno recordar as linhas gerais da nossa gerência.

Ao iniciarmos a administração da Companhia, a diferença entre créditos e débitos atingia Esc. 1.500.000$00; presentemente e mesmo na hipótese de os filmes produzidos não darem lucro, a diferença entre créditos e débitos é inferior a Esc. 200.000$00.

Entretanto, além dos acabamentos do Estúdio, esgôtos, serviços sanitários, mobiliários, foi construido o restaurante, piscina e sala de projecção, compraram-se e pagaram-se cêrca de 50 unidades de iluminação, uma «Debrie», uma nova aparelhagem de registo de som de alta fidelidade, construiu-se em Portugal uma carrosserie especial para ela, uma aparelhagem back projection (transparência), mistura de sons, instalação de um projector, charriot, girafa, cabos, sobrecelentes, etc., tendo estas obras e aquisições importado em cêrca de Esc. 1.000.000$00.

A Companhia dispõe das aparelhagens (3 «Debries» e 2 aparelhagens completas de registo de som) e acessórios necessários para apetrechar um novo Estúdio, ou, para se produzirem filmes simultâneamente em locais diferentes, como por duas vezes aconteceu, (em África Portuguesa e no Continente).

Durante a Guerra e mesmo depois dela terminada, as nossas aparelhagens só poderão valorizar-se, e tanto assim que nos têm sido feitas propostas de venda de alguns elementos, por preços superiores ao custo, que temos rejeitado.

Os edifícios, terrenos, construções, aparelhagens e acessórios foram adquiridos por cêrca de Esc. 4.000.000$00. No balanço agora apresentado, mercê das prudentes amortizações efectuadas nos exercícios anteriores, são apresentados por Esc. 1.900.000$00.

Porém, o seu actual valor de realização é superior aquele foram adquiridos.

A desorganização da produção europeia ocasionada pela Guerra, a provável redução da produção americana, a compreensão de que o cinema é uma fôrça de propaganda e de ligação entre o Continente e os núcleos portugueses espalhados pelo Globo, e o carinho do público e dos empresários cinematográficos pelos filmes portugueses, abrem horizontes ao cinema nacional e permitem à Companhia ter esperança no futuro.

Terminando agora o nosso mandato, deveis eleger os Corpos Gerentes da Companhia para o triénio de 1941-1943.

A situação da Companhia deve-se a favores e dedicações especiais.

Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar, compreendendo que a Companhia contribui para a valorização dos elementos materiais e morais da Nação, tem-lhe dispensado valiosa ajuda.

Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas com a sua larga visão de intensificar o trabalho nacional, dignou-se conjuntamente com o Excelentíssimo Senhor Comissário do Desemprêgo, auxiliar a Companhia.

Suas Excelências os Senhores Ministros das Finanças e Colónias, o Senhor Director do Secretariado da Propaganda Nacional e o Senhor Agente Geral das Colónias, têm colaborado com o cinema português para a defesa dos interêsses morais da Nação.

A Caixa Nacional de Crédito, com a justa compreensão de auxiliar as actividades nacionais, tem facilitado a vida da Companhia.

A Imprensa, as Autoridades Administrativas, as Repartições Públicas, têm-nos dispensado entusiasmo e facilidades.

O Conselho Fiscal, com a sua colaboração e assistência foi precioso auxiliar.

O Pessoal permanente da Sociedade e o Pessoal contratado pôs em prática tôda a dedicação de que era capaz.

O Conselho de Administração, a todos manifesta o seu reconhecimento.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1941.

O Conselho de Administração

(aa) *Artur de Campos Figueira*
Eduardo Rodrigues Pinto
Joaquim Roque da Fonseca
João Ortigão Ramos
Isidoro Hasson»

(Continua na pág. 16)

À Margem das Fitas

POR RAUL FARIA DA FONSECA

Deu-se, em Budapeste um incidente singular: O distribuidor de «Branca de Neve e os Sete Anões» — a obra prima de Walt Disney — processou a Metro por ter dito, no texto de publicidade do filme «O feiticeiro de Oz», que nesta fita tomaram parte 700 anões.

700 anões, era exagêro! Mas, isso não perturbaria os negócios da firma distribuidora da obra de Disney se não fôsse a circunstância de serem, exactamente, 700 anões. 700 é um múltiplo de 7. O público, decerto, ao ver anunciar «Branca de Neve» e os SETE ANÕES e, «O Feiticeiro de Oz» com 700 ANÕES... iria ver o último porque tinha 100 VEZES MAIS ANÕES.

A Metro, reconhecendo que isso, de facto, poderia prejudicar a carreira do filme concorrente, baixou o número para 300, conforme rezam as informações dadas pelos estudios de Hollywood. Além disso, a ideia de anunciar 700 anões não tinha justificação; ao público tanto importaria o número 300 como o 700, apesar de... 700 serem mais.

Mas o queixoso é que não se contentou e prosseguiu, afirmando que «nem 300 anões» havia em «O Feiticeiro de Oz».

Coube, então, a vez à Metro de protestar julicialmente, porque a parte contrária pretendia prejudicá-la com o exagêro de baixar para 3 (submultiplo de 300 — 100 vezes menos!) o número dos anões do «Feiticeiro».

Afirma daqui, desmente de acolá, o caso foi o juiz ter-se visto na necessidade de nomear uma comissão de peritos para indagar a verdade — ou melhor: se os «300 anões» do «Feiticeiro» são anões, ou se dêstes 300 apenas 3 são anões e os restantes crianças.

Para isso, vão fazer-se sessões especiais com a fita.

Questões de anões!...

●

A base da actual indústria cinematográfica da Califórnia é, na opinião dos grandes entendidos de Hollywood, o «profissionalismo» e a «especialização».

Sem pretender ser menos patriota, possa afirmar, que, em Portugal, a base da Indústria de Cinema, é o «amadorismo» e o «enciclopedismo».

Também não pretendo ser desmancha prazeres ou má-língua. Digo isto com sinceridade e — porque não? — com orgulho. É a sinceridade de quem reconhece um mal de que a nossa Indústria enferma e o orgulho de quem pertence à pleiade de trabalhadores, que teimam em não deixar sucumbir um pequeno mas belo edifício, construído à custa de porfiados esforços.

Na impossibilidade de criarmos técnicos profissionais para a maior parte das especialidades, contentamo-nos com a boa vontade de habilidosos. (Ressalva assim o pequeno número daqueles que, felizmente, fogem à regra). Por vezes, há talentos entre êsses amadores inveterados e pertinazes e, então, surgem os enciclopédicos, que, à míngua de colaboradores, preferem ser paus-para-tôda-a-obra, a desistirem.

Tudo isso é louvabilíssimo e seria, também, utilíssimo se não fôsse o caso de a maior parte dêsses enciclopédicos amadores serem tão varridos de talento como de conhecimentos cinematográficos. Dessa forma surgiu a flora perniciosa dos meninos-prodígios, que pretende vegetar junto dos outros — daqueles que se distinguem dêles por terem talento. Se êstes últimos são, hoje, por assim dizer, o sustentáculo da Indústria Nacional Cinematográfica, os outros são o seu cancro.

Se os produtores (no fim de contas, os maiores interessados nos progressos da Indústria) souberem, de futuro, seleccionar o trigo entre tanto joio, talvez seja possível evitar mais desastres e melhorar muitíssimo a produção.

O Cinema tomado a sério

Mesmo entre cinéfilos esturrados há quem não tome o Cinema a sério, quem veja nele apenas um espectáculo despretencioso e amável, de fácil digestão.

Nada mais que uns bonecos engraçados cobertos a lápis de côr, uma viagem-relâmpago a Bombaim a preços módicos, e a história dum rapaz que pretende uma rapariga e a alcança precisamente quando o filme acaba. A rapariga e o rapaz são quási sempre bem parecidos.

Sem falar nos bonecos, que não são para gente crescida, mais negaça menos negaça da rapariga, mais ou menos atrevimento por parte do rapaz — o Cinema é isto. E porque é isto não merece realmente ser tomado a sério.

Como corolário: uma revista de cinema é leitura imprópria para menores de dez anos e para maiores de doze, e será com êsse reduzido e simpático público que ela terá de contar.

Donde se infere ainda que a redacção da revista está naturalmente entregue a uns rapazolas que escrevem sem maiores responsabilidades e que procuram esquecer a sua falta de vocação para tomar a vida a sério, no convívio irreal, mas um pouco brejeiro, das belezas da tela.

... ...

«Animatógrafo» tem, manifestamente, outra opinião: a sua existência o comprova.

Fôssem todos os leitores apenas de dez ou doze anos (não os engeitamos, antes pelo contrário) e já seriam grandes as suas responsabilidades!

Vale a pena garantir que nos lêem pessoas com corpo e espírito crescidos? ...

Como revista de especialidade, folheia-a um sector do público especializado também, e daí resulta, além da intimidade estreita que se estabelece entre uma e outro, num grau desconhecido pela imprensa em geral, o cuidado que se põe em emitir juízes perante pessoas que já têm o seu...

De certo que a revista de cinema não costuma abordar transcendentes problemas de metafísica. Está provado, porém, que anda tôda a gente muito interessada em procurar resolvê-los? Afigura-se-nos que não.

E, mesmo assim, na frivolidade aparente dos nossos propósitos são de temer competições... sérias.

A maior ambição do «Animatógrafo» consiste, sim, em estar à altura de esclarecer, de mostrar o que é trigo e o que é joio, quando estes dois elementos subrepticiamente se misturam.

E como o Cinema aborda tôdas as preocupações espirituais do momento que passa, escrever sôbre a actividade cinematográfica exige primeiramente uma visão pessoal dessas mesmas preocupações, o que é matéria vasta e profunda demais para ser tratada por um grupo de rapazes ociosos e folgazões, que se dispôs a brincar com o abecedário...

* * *

Podíamos afirmar sem receio que a eterna história da rapariga que encontra o rapaz, ou vice-versa, não é tão idiota como à primeira vista parece, mas preferimos, por ser caminho menos íngreme, apontar a evidente diversidade de temas tratados pelo Cinema, muitos dos quais encerram verdadeiras lições de pundonor, de civismo, de virilidade, e de outras qualidades dignas de proliferar.

Este remédio para os males da época é dado, bem entendido, em doses sàbiamente ministradas, de molde a não levar o doente a um previsto enjôo.

E depois está ainda para nascer a pessoa que demonstre por a + b que as outras fórmulas da arte andam a pairar sôbre o cinema como águias por cima de aves de capoeira.

Pelo contrário, o que fàcilmente se observa é que, enquanto o Cinema, salvo em casos excepcionais, procura um sentido construtivo, sempre pronto a exaltar e não a deprimir, outras expressões da Arte única entregam-se a devaneios puramente estéreis.

Como explicar o desdém de certos intelectuais (?) pelo Cinema? Talvez nasça da facilidade de compreensão que êste oferece.

Mesmo admitindo que fique por admirar ou sentir a emoção artística que resumem certos filmes, o facto do assunto ser tratado com claridade não significa que se torne porisso menos profundo.

Aos amadores de charadas pode, é claro, não interessar, em dado momento, assistir a um espectáculo de cinema.

Em qualquer caso, de espantar seria que tomássemos como defeito a qualidade essencial do cinema: a sua projecção directa, quási instantânea, nos espíritos.

Não estamos aqui a advogar causas ganhas, nem a pedir que, por favor, se tome o Cinema a sério.

Arma na guerra ou instrumento de paz, êle vai alargando cada vez mais as suas fronteiras espirituais.

E há-de chegar o dia venturoso que em tôda a humanidade, graças ao Cinema, se ponha de acôrdo — unida no mesmo impulso de entusiástica admiração, à roda duma Ginger Rogers ou duma Hedy Lamarr...

A. DE CARVALHO NUNES

50.000 FIOS DE SEDA DÃO-NOS O CINEMA EM RELEVO

Há um mês, quási dois, porquanto o espectáculo se efectuou a 7 de Fevereiro, houve em Moscovo uma grande récita de gala no maior cinema soviético. Desta vez, porém, não se tratava de propaganda, mas sim de apresentar ao govêrno, ao corpo diplomático e à imprensa mundial, o primeiro filme em relêvo, intitulado «No País da Juventude», conforme um sistema inventado pelo engenheiro Simeão Ivanov.

A estreia foi, inicialmente, desoladora. Tudo indicava um fracasso mais na busca e rebusca da última dimensão da sétima arte. O relêvo era muito menos nítido que em qualquer dos processos anteriormente ensaiados. Minutos depois, quando os olhos se foram acostumando, os espectadores foram unanimes em reconhecer que um passo importante se dera na técnica do animatógrafo estereoscópico.

No final do espectáculo, e por entre unânimes aplausos, o engenheiro Ivanov explicou, numa curta mas clara conferência, o princípio em que assenta o seu invento. Diante do «ecran», estava estendido um tecido constituído por 50.000 fios de seda extremamente finos. Ora êsse ante-«ecran» — chamemos-lhe assim, à falta de designação mais própria, por enquanto — ao ser penetrado pelos raios do aparelho de projecção, é que havia dado a impressão de relêvo.

O filme repetiu-se, sem o ante-«ecran», e então tiveram os espectadores ocasião de ver, na prática, a diferença entre um e outro processo de exibição.

Todos se recordam, em Portugal, de uma experiência feita há anos, com lunetas, montadas em cartão, bicolores: verde uma vista; e vermelha a outra. A decomposição dos raios luminosos dava a sensação do relêvo. Falhou, porém, a experiência por resultar extremamente fatigante e incómoda a manutenção da luneta bicolor. O invento Ivanov parece ter simplificado o problemaa com o ante-«ecran» em 50.000 fios de sêda. Resta ver e ouvir... Hollywood.

PANORÂMICA

Um livro

A Editorial Argo lançou no mercado, há poucos dias, um romance assinado por Leão Penedo e Gentil Marques, intitulado «Tom Edison, o pequeno génio». Trata-se dum livro baseado no magistral filme de Norman Taurog, em exibição no S. Luiz.

O romance, escrito em linguagem corrente, mas com personalidade e emoção, constitui um valioso trabalho de vulgarização da biografia dum dos mais notáveis inventores americanos, cujo nome também está ligado à história do Cinema. Livros como êste apraz-nos recomendar como elemento instrutivo e recreativo. Leão Penedo e Gentil Marques fizeram obra apurada e de bom gôsto. É-nos grato registar o interêsse que os editores do romance dedicam ao Cinema, reservando-lhe uma colecção, e ao esmero com que apresentam os livros que a compõem.

O «Clube»

É natural que os nossos leitores — e nomeadamente os incritos no «Clube do Animatgrafo» — estranhem que não nos tenhamos ocupado ùltimamente duma ideia que tanto entusiasmo suscitou. De facto, temo-nos limitado por ora a instigar a incrição, para ver até que ponto pode ir o interêsse cinéfilo do nosso público.

Os resultados são, como logo se verificou, animadores. O «Clube» conta já algumas centenas de inscritos, de que só publicamos, por escassês de espaço, os nomes dos primeiros cem.

Mas vários problemas nos embaraçam de que, conforme é nossa regra, damos hoje conta fiel: primeiro, a dispersão por todo o país dos nossos associados; depois a falta de tempo disponível.

Não queremos que se diga que, aberta a inscrição em todo o país, ela só beneficia os inscritos de Lisboa. É evidente que êstes poderão reünir-se mais fàcilmente. Mas os restantes não serão esquecidos, como verão.

Por outro lado, nós somos nesta casa muito poucos. Não temos por trás de nós nenhuma emprêsa, nenhum capitalista. Tudo o que temos feito se deve, exclusivamente, à «carolice» de meia dúzia e à dedicação e amizade de outra meia dúzia. E não temos tempo para fazer tudo... ao mesmo tempo.

Mas, no que se refere ao Clube, temos notícias frescas a dar-vos, que aparecerão no próximo número.

«Animatógrafo» e o Pôrto

Um dos nossos leitores, daqueles que nos escrevem constantemente, dando-nos a enorme consolação do seu apoio e do seu interêsse, disse-nos há tempo que considerava o nosso jornal «excessivamente lisboeta». É claro que êsse leitor é do Pôrto e que mais uma vez um portuense dá prova do seu admirável bairrismo, êsse bairrismo que faz da Cidade Invicta a verdadeira metrópole do trabalho nacional.

Não discordamos dêle, salvo no facto de nos ocuparmos dos assuntos cinematográficos segundo um prisma suficientemente largo para poderem ultrapassar o âmbito da capital. Mas não nos satisfez a solução que apresenta: uma página do Pôrto, onde se publicassem crónicas e críticas oriundas de lá.

Achamos pouco, muito pouco. O Pôrto merece mais.

Parafusámos longamente na questão. E julgamos ter encontrado a solução satisfatória. Ela implica, no entanto, problemas técnicos e comerciais que não podemos resolver sem uma visita *in-loco*. Essa visita fá-la-emos muito brevemente.

E dentro de dois ou três números, daremos aos leitores do Pôrto uma grande notícia.

Meditação durante um intervalo

Acaba de surgir aquele tão falado e mal-fadado letreiro que anuncia abruptamente um intervalo onde ninguém o previu e onde ninguém o deseja, a meio da fita de fundo. Experimentei mais uma vez a desagradável sensação do balde de água-fria em plena excitação cinéfila, exactamente no momento em que a fita mais estava a interessar-me. «Sensação idêntica à que se experimenta quando estamos a falar ao telefone e a menina desliga» — escrevia-me há dias um leitor inteligente.

Todos os outros espectadores a experimentaram comigo e ouviu-se, nítido, como sempre, um murmúrio de decepção.

Mas todos se conformam, pelo menos aparentemente. Não vale pois a pena — penso eu — continuar uma campanha que, embora traduza a aspiração duma maioria esmagadora do público, não alcança outros resultados práticos senão a má-vontade dos exibidores e o mau-olhado dos donos dos bufetes, que são, como é sabido, os mais poderosos agentes do espectáculo cinematográfico em Portugal, visto que os seus interêsses se sobrepõem aos do próprio espectáculo.

Paciência. Os exibidores desprezam os cinéfilos, têm o público que basta à largueza das suas vistas — e o público tem os exibidores que merece.

★

Como não posso continuar a fazer durante o intervalo a única coisa que me levou ao cinema — ver os flimes — aproveito o intervalo para olhar em redor e meditar.

Lá saíu agora aquele crítico que gosta muito do intervalo para ir arquitectar a sua crónica do dia seguinte com alguns amigos, entre as volutas azuis dum cigarro «ogival». O redactor dos «Ridículos» também saíu para o bufete. Não fez despesa, mas fartou-se de dizer mal do «Animatógrafo» com o magnate que governa o mundo das imagens entre pilhas de sanduíches pouco fotogénicas e teorias de garrafas de capilé.

★

A fita de que aguardo com impaciência a continuação foi substituída na tela por projecções de fino gôsto onde se anunciam produtos de alta qualidade. A avaliar pela expressão interessadíssima dos espectadores que ficaram na sala (sempre em maior número do que os que saiem, o que é sintomático) no dia seguinte todos êles se precipitarão para as lojas reclamando sofregamente as pastas, os sabonetes, as peles e as cintas rèclamadas.

A fita estreou-se ontem. É excelente e agradou em cheio. No entanto, muitos lugares ficaram por vender.

Porque será que, desde segunda-feira passada, isto se verifica em todos os espectáculos?

Será porque ainda não acabou o intervalo a meio dos filmes?...

★

Olho o «Colier's» que trouxe comigo, na previsão do intervalo imortal. A capa é um assombro. Representa, numa caricatura felicíssima de Jaro Fabry, um camarote num teatro de Nova Iorque. Duas mulheres de vestido de noite e dois homens encasacados assistem a um espectáculo. E cada um manifesta, perante a mesma cena, as reacções mais diversas: uma das mulheres chora, a outra assusta-se, um dos homens ri e o outro boceja...

Eterna coerência do público!... Tão eterna como o intervalo a meio das fitas.

Resta-nos a consolação de que essa coerência, pelo visto, não se verifica só cá. É uma bem triste consolação, pois gostaríamos de poder dizer que isso acontecia em tôda a parte — menos cá.

O intervalo a meio das fitas, êsse é que é só cá.

★

Saio para fumar um cigarro, já que ainda faltam cinco minutos irremissíveis para voltar a fazer-se aquilo porque se exige o preço dos bilhetes: ver as fitas. Encontro várias pessoas que me dizem com ar carrancudo: — Então ainda continua esta maçada dos intervalos?...

Balbucio umas desculpas tímidas. Sim... Realmente... Ainda não foi possível...

As pessoas afastam-se com o ar de quem diz que a culpa é minha.

Decididamente, como dizem os franceses, — «on aura tout vu!»

★

Aproveito a má disposição para pensar tristemente que já não é possível realizar o «Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico», a favor das vítimas do ciclone. Aqui passamos certidão de óbito a essa idéia generosa.

A explicação é muito simples: aumentou o número de vítimas do ciclone.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A PÁGINA DOS NOVOS

«DERAM-LHE UMA ESPINGARDA...»

O «Par Invisível», pseudónimo que reúne dois dos nossos mais assíduos e divertidos leitores, mandou-nos esta semana um conto (uma história, entenda-se) que, se não é inédita pela ideia — pois já muita gente se tem entretido a formar frases com títulos de filmes — possui, pelo menos, o condão de constituir um episódio com princípio, meio e fim. Como sai, portanto, da vulgaridade e representa um apreciável trabalho de coordenação e de seqüência lógica, parece-nos que o leitor se distrairá com a prosa do «Par Invisível» e com o «puzzle» que êle compoz com carinho e paciência.

Deu-se a Mobilização Geral»... E êle, o «João Ratão» da «Aldeia da Roupa Branca», lá partiu para algures em França a tomar parte no «Conflito».

«Na Terra de Ninguém», «Deram-lhe uma espingarda», e puseram-no «A Caminho do Front» onde «Sob a Metralha», mostrou ser «Soldado Profissional», destacando-se na «Grande Ofensiva» contra a «Linha Siegfried».

Numa tarde, «Ao Fim do Dia», depois de um raid em que «Só voltaram cinco», cansado de tanto lutar «Pela Glória do Império», pensara no «Regresso ao Lar» e dizia baixinho:

— «Mãesinha... à fôrça» de muito combater êsses «Miseráveis» que me arrancaram do pé de ti, sinto a «Tentação» de te fazer a «Última Confissão».

Mas não Mãesinha! Porque não fiz uma «Viagem sem Volta»! Tenho «A Grande Esperança» no aparecimento duma «Estrêla Luminosa» que me há-de guiar ao lar, coberto da «Verdadeira Glória» que cabe a todo aquele que se bate pelo «Prestígio do Uniforme» do exército Português! Um dia... voltarei à «Terra Bendita» para te abraçar, e então, com os «Corações em Festa», cantar-me-ás essas «Melodias Encantadas» com que em «Miúdo» me fazias adormecer».

... ...

«23 horas e meia de folga»! Como êle deixaria de estar subjugado pelo «Poder das Trevas», seria a «Paz na Guerra» e como lhe pareceriam maravilhosas essas «Luzes da Cidade», hospedar-se-ia no «Hotel Imperial», passaria uma «Noite na Ópera» e «Um dia nas corridas», iria ao «Cabaret das Maravilhas», freqüentaria o «Clube da Rua 56», onde gastaria se os tivesse «Mil dólares por minuto», dansaria «Três Valsas» e uma «Rumba» com «Ninotchka» a «Mulher Fatal» que era o orgulho dos franceses...

... ...

«Aqui sou um Estranho» — disse «João Ratão» quando chegou a «Paris» — mas... «Só vivemos uma vez» e como tal, «Deixem-me viver» a «Vida Parisiense»!

Então, embrenhou-se por entre a «Multidão» na «Grande Cidade», seguiu pela «Avenida 52», assobiando a «Canção Triunfal».

Ia no «Último Acorde», quando «Passou uma Mulher«... e logo «Novos Horizontes» lhe deram «Alegria de Viver». Foi como uma «Chamada à Vida» que êsse homem até à pouco «Perdido para o Mundo», sentiu ao ver «Essa pequena de Paris».

Não pôde resistir à «Tentação» e... seguiu-a!

Caminhou silencioso por longo tempo, como «Um homem que não podia falar», intimidado pela «Pureza» d'«Aqueles Olhos Negros».

Porém, ao chegar à «Avenida dos Milhões», preguntou ao seu subconsciente: «Porque bates coração?» «A voz do Amor», fez sentir, e o nosso «João Ratão», tornando-se escravo de «Sua Majestade o Amor», dirigiu-lhe a palavra.

— «Menina dos Caracóis», «Ouve o meu coração» — começou êle — você é a «Única Mulher» que despertou em mim, uma «Paixão Selvagem», por si, deixarei de ser «João Ratão» e tornar-me-ei «Robin dos Bosques», «Tarzan, o homem Macaco», «Darei a volta ao Mundo por um tostão», enfrentarei um «Gorila», derrotarei «Golem o Monstro» e serei o «Senhor do Mundo»...

— «Impostor»! volveu ela — sentindo-se «Revoltada», nos «Tempos Modernos», os homens dizem «Mil Mentiras» e têm «Vinte Milhões de Namoradas»...

Sim, ela tinha razão, os «Homens... não são Deuses», mas, para êle isto, era uma «Injusta Acusação», porque «Nada é Sagrado» e as «Raparigas de Hoje», transformadas em «Mulheres Modernas», praticam a «Caça ao Homem» em grande escala...

Todavia, o amor que «João Ratão» sentia pela «Zázá» — assim se chamava ela — era um «Sonho Eterno», em que só «O Coração Manda». E por isso continuou:

«Dá-me o Teu Coração» e como «Romeu e Julieta num «Convite à Felicidade», caminharemos num «Sonho côr de Rosa» sem termos presente «A sombra da Dúvida».

Isso é um «Abuso de Confiança» porque «Com o casamento não se brinca» — disse-lhe «Zázá» — Além disso «João Ratão», «Manhas de Amor» há muito quem as tenha!...

Perdão, «Trata-se da Minha Vida», eu só tenho um «Desejo», e êsse é nós sermos «Ele e Ela» num «Paraízo para dois», «Tu... és a minha felicidade»!

«Outra Aurora» raiou para mim, e eu serei «Uma rapariga feliz» — terminou «Zázá».

... ...

Como num «Romance duma Noite», lá seguiram de «Braço dado» por entre as «Sombras da Rua» abençoados pelo «Anjo da Noite».

... ...

Sou «Um homem com sorte» — disse «João Ratão», e num repente, com «Fúria», enlaçou-a e deu-lhe «Um beijo diante do espelho» duma montra.

«Que Descaradão»! — exclamou «Zázá» — «És doido... mas quero-te»! «Não há amor como o primeiro» e, «Culpado» ou não, só sei que te amo — «Silêncio» — impôs «Zázá» — vem gente.

Efectivamente «Quatro raparigas de branco» passaram e ao ver aquele par de «Namorados», como eram «Mulheres» não deixaram de criticar.

— «Amor... a quanto obrigas», volveu a primeira, que queres, «Êle não tem culpa de ser bonito» — disse a segunda, ora, «Quando canta o Coração» adiantou a terceira», «São assim as mulheres» — mas descansa «Não o levarás contigo»... concluiu a última.

«Mulheres Ciumentas» — disse «Zázá».

Só «Ciume» — replicou «João Ratão».

«Quando o outro dia chegou», resolveram fazer o seu «Casamento em segrêdo».

E, quando os sinos repicavam alegremente, «João Ratão», que em frente da «Nossa Senhora de Paris» jurara fidelidade eterna à «Zázá» foi subitamente acordado...

«O inimigo invisível», fazia um enorme «Massacre» sôbre a primeira linha de «Fogo». Simplesmente tudo o que «João Ratão» idealizara não passava dum «Sonho duma noite de verão».

«Era o Regresso duma Alma» à realidade cruel da Guerra.

«Ouvem-se tambores ao longe», é o grosso do exército inimigo que avança e obedecendo a um «Sinal secreto» um oficial disse: Vamos rapazes, será a «Última Batalha» seremos a «Fera humana» e mostraremos quem é o «Mais Forte».

Tocou à carga, era a «Hora Suprema» em que a «Tortura da Carne» é o «Preço da Glória».

«Um Milhão» de homens iam lançar-se na «Grande Ofensiva», o canhão, aquela «Arma Infernal» troava, e o silibar das metralhadoras mais parecia uma «Serenata Fantástica».

Voltara-se o «Feitiço contra o Feiticeiro», não era agora o inimigo que atacava, «O General morreu ao amanhecer», porém nada removeu a «Contra Ofensiva» dos nossos, a «Carga da Brigada Ligeira» numa «Cavalgada Heróica» era terrível e, após algumas horas de «Grande Esfôrço», o «Quatro de Infantaria», do qual fazia parte «João Ratão», rompeu tôda a frente inimiga, tomando-lhe «A Bandeira» e levando-o de vencida. Foi a «Última Batalha» como dizia o oficial, tinha sido um «Dia de Glória».

Oito dias passados o nosso «João Ratão» regressava a Portugal o «Pôrto de Abrigo» de todo o Mundo, e tempo depois êle, o «Herói do Marne» unia o seu destino à encantadora «Rosa do Adro» que sempre o esperou anciosamente.

... ...

«Afinal... o Mundo é Belo!» mas os «Loucos... divertem-se».

... ...

PAR INVISÍVEL

CORREIO DOS NOVOS

LOUCO CANTOR — Os seus dois artigos são bons, merecendo portanto publicação. Mas o dos intervalos, que será citado, repete o que temos dito, nós próprios, sôbre o assunto. O dos «Documentários» sairá brevemente.

OUBLI — Verá o seu «Protesto» na *Página dos Novos*. Mas bem sabe que, de cada filme, vem apenas uma cópia para Portugal, o que torna impraticável a exibição simultânea do mesmo filme em mais duma terra. Daí resulta um atrazo de que ninguém tem culpa imediata — embora nem todos os interessados façam o que poderiam fazer para desenvolver o nosso mercado cinematográfico.

D. MARVEL — A crítica que enviou é simpática, pela sua generosidade, por vezes justa, mas já perdeu a oportunidade.

Além disso, a crítica pròpriamente dita tem outra secção no «Animatógrafo». Os «novos» devem preocupar-se, principalmente, com as condições do espectáculo, os filmes portugueses, que gostariam que se fizessem, fundamentando as suas opiniões e sugestões. E ninguém o acusou de plagiador, descanse!

MANECAS — O artigo que mandou tem pouco interêsse. Os duplos são menos empregados do que julga, e não é justo fazer supor ao público que as vedetas nunca se arriscam. Além disso, isso contribuiria para diminuir o interêsse por elas, o que só prejudicaria o cinema.

MAGRIÇO — O tema do seu artigo é bom e está bem conduzido. Sairá na «Página», a seu tempo.

A. S. TÔRRES — Continue a trabalhar, que não se arrependerá.

A. B. REIS — Por enquanto, não é fácil abraçar em Portugal a carreira cinematográfica. Aos que já cá estão dá ela os desgostos suficientes para que não aconselhem seja quem fôr, por ora, a imitá-los.

M. DE MENEZES — O seu elogio é imprevisto, e acredite que não agradaria à maioria dos nossos leitores — nem mesmo ao elogiado, que tem, neste momento, mais que fazer do que pensar em ser galã de fitas.

ROMEU E JULIETA — O artigo «As Minhas Deusas» tem as características requeridas para a página. Vai sair, com alguns adjectivos a menos, porque o estilo empolado não é da nossa simpatia. E continuem.

RETARDADOR

CINEMA PORTUGUÊS

Primeiro mandamento: SABER LER

O título dêste artigo surpreenderá certamente o leitor desavisado do que vai ler. À primeira vista, parece tratar-se de assunto próprio para uma revista escolar; mas não, logo que entremos na matéria; ver-se-á estarmos ainda e sempre dentro do capítulo cinematográfico.

Gœthe, o reformador do romance alemão, morreu em idade avançada, e no entanto dizia, nos últimos tempos da sua vida, despegar-se do mundo com uma pena imensa e única: a de não saber ler como devia!

O mais pujante génio das letras de além-Reno pretendia dizer que a leitura é uma arte difícil que se deve cultivar com amor e assiduidade, e não mera habilidade para decifrar caracteres e adivinhar palavras.

Ora, quando um escritor do coturno de Gœthe afirmava ler ainda imperfeitamente — aos oitenta anos! — parece-nos não melindrar certos espíritos ociosos afirmando-lhes que, embora curados de analfabetismo, estão longe de cuidar, como devem, dêste sacerdócio que se chama leitura.

Assim, muitas e variadas gentes vieram até nós, contradizendo opiniões nossas (?) que asseguravam ter vindo nestas colunas, mas que nós nem de longe havíamos abordado. O nosso espanto crescia perante o dislate e tivemos de rir a bom rir perante as acusações e as exaltações. Serenados os ânimos, fizemos a mais cândida e a mais inofensiva das preguntas possíveis no apuro:

— Vocês leram, de certeza, os nossos artigos?

Respondeu-nos o senhor A:

— Li até meio. Depois, como tive de ir almoçar...

Respondeu-nos o senhor B:

— Ler, não li, mas contaram-me. E eu até disse: «Parece impossível que o Mota da Costa, há tantos anos metido nestas coisas de cinema...»

O senhor C confessou:

— Li só o título. Mas logo deduzi...

Houve, todavia, o senhor D que afirmou ter lido integralmente os artigos. E êsse sofreu a mais formal derrota porquanto, em face dos textos impugnados, verificou não ter sido abordado o motivo das suas jeremíadas.

Que se não saiba ler, que se não queira ler, ou que se deteste a leitura — não nos incomoda grandemente, conquanto lamentemos o facto. Mas que se discuta ou condene o que se leu mal, à pressa, ou incompletamente, excede os limites do bom senso, e — vamos lá — da correcção.

Pois, a nós, atacaram-nos várias pessoas, e por várias vezes, pelo facto de estarmos a prejudicar os interêsses dos profissionais do cinema (sic!) e por querermos criar técnicos, para lançar no desemprêgo os que hoje vivem (?) do nosso cinema!

Mas quando escrevemos ou defendemos semelhante doutrina?— diga-nos o leitor assisado e atento ao que lê.

Enfim, o caso «acabou em bem», visto não ter gravidade nem conseqüências. Mas parece-nos pouco digno julgar quando se não leu, ou apenas porque se leu mal e incompletamente.

Êste defeito, tão comum e vulgarizado como o sarampo, faz-nos lembrar um episódio a que assistimos, há muitos anos, no antigo teatro Joaquim de Almeida, hoje demolido.

Projectava-se a «Madrinha de Charley», com Tramel e, à nossa frente, um rapazote dos seus quinze anos, lia em voz alta soletrando a custo os letreiros intercalados no filme, que era mudo. Em determinada cena, um actor invectivava outro — e nós líamos na tela:

— Imbecil!

O rapazote soletrou — e, leu em voz alta:

— *Imbícel!*

Achou que a palavra não formava sentido, é certo, mas como não lho encontrou, e como se tratava duma comédia, riu-se daquele disparate que tomou à conta de facécia. Logo a seguir, o letreiro repetiu-se, e o rapaz reincidiu:

— *Imbícel!*

Então, riu mais, porque achou dobrada graça ao disparate.

À terceira vez que apareceu o letreiro, torceu-se na cadeira, como um possesso, rindo-se a bandeiras despregadas. O público bem o mandou calar, mas êle não obedeceu, pois estava divertidíssimo, satisfeitíssimo com o «imbícel»!

Ora, não é só êste que anda por aí à sôlta. E, por isso, vimos hoje dar aqui o nosso modesta parecer. A bem do cinema português o primeiro mandamento daqueles que o servem ou que dêle vivem é, precisamente, saber ler.

... depois, podem falar.

MOTA DA COSTA

P. S. — Recebemos da nossa leitora Maria Gil, uma carta a felicitar-nos pelas nossas opiniões no artigo «O artista deve isolar-se». Muito agradecidos pelas suas amáveis palavras.

Agradecemos também a «Uma Cinéfila» a sua carta. Concordamos com a opinião exposta, pois já várias vezes temos pensado no assunto. O pior é que os nossos produtores ainda não deram pelo que é visível. Wilda dizia que as mulheres é que sofriam dêsse mal. Às vezes, também damos razão ao autor do «Retrato de Dorian Grey», mas não sabemos se «Uma Cinéfila» concorda...

VER OUVIR... E FALAR

Sem ser o optimista hipócrita que proclama que «tudo vai bem!», nem o pèssimista que lamuria que «tudo vai mal!», podemos ter confiança no cinema português e é mister que a tenhamos. Possuímos gente com decidida habilidade. Só falta entre nós, uma forte organização. Sempre o espírito individualista! Prefere-se a guerra de guerrilhas ao avanço em coluna cerrada...

Eis porque não me parece despropositada a confiança que ponhamos no futuro do nosso cinema. Ela tem fundamentos naturais e lógicos que alguns instantes de perfuntória reflexão colocam em face de nós. Havemos de lá chegar. No coice do cortejo, atrazados como sempre? Talvez, porque está nas tradições, mas em nossa pequenez e em nossa modéstia, fazendo boa figura se fugirmos à influência da megalomania indígena e endémica e tivermos juízo.

Juízo — acima de tudo! — é de que o nosso cinema precisa. Já se procurou fundar o seu desenvolvimento em bases sólidas? Quando poderemos dizer que há dinheiro, há administração, há responsáveis idóneos, há firmas que merecem crédito e que asseguram uma continuidade indispensável à maquinaria do estúdio do Lumiar? Quando surgirá a entidade capaz de dar alento mais forte, mais vigoroso impulso, para que a criação e o desenvolvimento da cinematografia portuguesa signifique uma realidade consoladora?

A sabedoria das nações ensina que «a união faz a fôrça». Portanto, só o agrupamento dos nossos interêsses mútuos coadjuvaria a consolidação da indústria nacional e forçaria, até, alguns mercados estrangeiros, organizando-se melhor como o do Brasil. Gostaríamos de não ler, por tôda a parte, que o cinema português está morto. E o que mais irrita é que muitos querem armar em curandeiros dispostos a levantar-lhe o «cadáver». É indiscutível que soou a hora de trabalhar e de não se ficar em adoração diante do umbigo dos falsos Budas...

Eu sei que quaisquer oportunas observações sugeridas pelo noticiário relativo à actividade cinematográfica em Portugal são, infelizmente, consideradas por diversas pessoas como obedecendo a um negro propósito que, na linguagem «post-bellum», se classifica de derrotista. Vai-se, até, o ponto de se atribuir à crítica jornalística a situação do nosso cinema, por virtude de certa benevolência, certa tolerância, certos emolientes — quando eram os revulsivos e os cautérios que estavam aconselhados nos males de que enfermam os nossos filmes. Não! A crise do cinema nacional não é da responsabilidade da crítica e da Imprensa por excessiva e intencionalmente benévolas na apreciação de cada obra. O pior é nunca se ter começado pelo princípio. Denunciassem e verberassem êles com a maior energia, o maior desassombro, a maior perseverança a falta de uma organização, o triste espectáculo de aparecer hoje um filme e amanhã outro; pusessem sem hesitar o dedo na ferida — e outro galo nos cantara!

Quem ao apreciar um filme (e falamos dos que o têm podido fazer com liberdade de movimentos) ponderou as tentativas de realização cinematográfica sob o ângulo das condições de continuidade, desenvolvimento e prosperidade indispensáveis?

Poucos, muito poucos!

Na época do consórcio e do proteccionismo, quando os Estados se plutocratizam, como é que não se formou já, sob a forma do proteccionismo correspondente, o consórcio português do cinema? Bem sabemos que a produção nacional é deficiente em qualidade e em quantidade. Vive, pois, necessàriamente, sob o Poncio Pilatos estrangeiro. Luta, no artístico, com falta de preparação e, no económico, com falta de recursos. Tem de resolver, por conseguinte, problemas de dinheiro e de arte, defrontando-se com gente a quem o cinema só interessa como «tiro».

E como poderá resolvê-los melhor sem que o Estado oriente a arte e o Capital lhe forneça meios suficientes?

AUGUSTO FRAGA

Uma carta de ROBERTO NOBRE

O jornalista Roberto Nobre envia-nos a seguinte carta, de que teve a gentileza de nos pedir prèviamente e pessoalmente a publicação:

Meu caro Lopes Ribeiro:

Deu-se a revolta dos Deuses. Vejo o caso com serenidade e, afinal, eu compreendo humanamente tudo. V. tem um excelente coração, dado, como bom latino que é, a quixotismos vibrantes. O seu amigo Sancho escreveu-lhe a fazer queixas dum senhor crítico muito feio, que o tinha tratado mal. V. ligou generosamente isso a umas referências ao nosso simpático «Animatógrafo» e saiu galhardamente em defesa, sem mesmo querer reparar em que a causa era ingrata.

O mundo está cheio de malévolos e a sua inesperada intromissão podia fazer a muito má língua insinuar que havia na sua atitude despeito, por V. pertencer também ao côro «dos criticados», que não sei se vem já da tragédia grega. Eu posso asseverar que não é assim, pois nisso V. tem tido para comigo uma conduta de exemplar correcção. V. nem se importou correr êsse risco.

Aparte a sua simpatia pela «vítima» e antipatia pelo algoz, V. pode verificar que, infelizmente, eu tenho razão. Quero acentuar que não há ataques pessoais. Desejo até não insistir no nome dêste ou daquele senhor. Apareceu um filme feito de sugestões servis de outros e que até a máscara dos actores decalcava. Êste desplante nunca tinha acontecido entre nós. Agora mesmo o autor disso fala de tudo, mas nem se refere a êste caso, e é nêle que está o essencial. Não se trata da natural insegurança dos estreantes que V. diz, e muito bem, ser mister amparar. É ter utilizado processos lamentáveis. Julgo que estamos de acôrdo em que é preciso que isso se não repita em homenagem a realizadores, como V. e os outros, que queimam os miolos a procurar fazer coisas «suas». Pretende-se desviar agora a questão. V, meu simpático «inimigo», não era capaz de o fazer. Mas fê-lo o seu protegido que se defende dessa acusação recorrendo ao insulto. Mas compromete-se: se o seu afilhado acha, por exemplo, que os textos se não parecem, porque comete a «descortezia» de transcrever apenas o início, exactamente aquilo que eu declarei que poderia no princípio parecer coïncidência. pois era pela leitura, muito mais detalhada, do restante que se ia notando a semelhança até no último trecho êle se limitar a resumir e substituir por sinónimos. Não era mais leal, mais honesto, se queria transcrever apenas um bocado, ir buscá-lo a êste último? V. procederia assim? Porque é que êle o fez? Porque o decalque é evidente e êle serviu-se dêsse ingénuo ardil para o esconder. não vendo que, com êste seu gesto, se compromete difinitivamente. Quem não deve não teme. Porque mostrou o ligeiro e escondeu o principal. Não se trata duma frase ou dum conceito que outros já afirmaram e a qualquer pessoa pode ocorrer. Trata-se de utilizar uma série dêsses conceitos, uns após outros pela mesma ordem e em serviço da mesma argumentação, cujo desenvolvimento, conceitos e tudo foi lá «pescado». Até utilizou os exemplos lá apresentados. É claro que estes livros são publicados para serem úteis aos que os lêem. Costuma-se, por lisura e cortezia, dizer a proveniência, mas isso ainda era o menos. O que achei curioso foi o facto de desdenharem do autor e se aproveitarem do livro, bom ou mau, que êle fez. Para quem se interessar pelos textos comparados pode lê-los no n.º 708 da «Seara Nova», por onde é fácil ver quem mente.

O seu caso é diferente, Lopes Ribeiro. V. é estrêla de primeira grandeza, tem responsabilidades, as suas afirmações têm outro valor. Foi crítico, é realizador, pode compreender, se quiser, as duas situações.

Se me dou ao trabalho de responder é principalmente por si. A quem me insulta não respondo. Consigo já não é assim. Mesmo que V. quisesse ser meu inimigo, eu, achava-lhe graça.

V. meu caro Ribeiro é singularmente inteligente, honra lhe seja. Sabe portanto que eu não disse que a vossa revista (ia dizer «nossa» por ser de todos os que amam o Cinema) tinha reprovado a caracterização do Karloff-Zentul. O que eu disse é que tinham «verificado» essa semelhança. Também sabe que a expressão «posição delicada» da revista foi empregada com a intenção de mostrar que, tendo ela por fim fazer a propaganda do Cinema em geral e do português em especial, era assunto delicado para ela o ter de pôr «senões» em filme nacional — tanto mais que a sua razão de ser é, por natureza, como tôdas as revistas do género, mais magazinesca, informativa e educativa do que crítica.

Repare agora na sua crueldade, meu caro Ribeiro: serve-se da minha afirmação de insuspeição da vv. parte para afirmar não poder dizer o mesmo de mim. Sanha cruel! E tudo por causa de me atribuir uma bandeira cinematográfica. V., que já se ocupou do filme «Sob duas bandeiras», sabe decerto que em qualquer delas se pode defender o Cinema acima de tudo.

Quanto ao «flou» e «fondu», V. teve graça. Acha realmente que eu confundi? A frase é esta: «vimos alguém sair por uma porta, seguindo-se um «flou» sôbre a entrada em nova sala». E tôda a minha «autoridade» fica discutível porque declaro que aquela expressão flou está aí empregada claramente na acepção de fondu. V. já uma vez ¿Lembra-se? numa sua polémica com o L. de Barros, citou generosamente a minha «autoridade». Agora nega-a? Será questão de clima?

Quero agradecer-lhe, ao terminar, um pormenor para mim muito grato: em perto de trezentas páginas de temas dos mais profundos e complexos das doutrinas do Cinema, exaustivamente mal tratados por êste seu criado, e que podiam dar flanco aos mais graves precalços de incompetência, V., ao querer duvidar da minha «autoridade» só encontrou um defeito: o achar demasiado eu dedicar três páginas à destrinça raccord-record. V. tem tido a gentileza de se referir verbalmente o melhor possível ao livreco em questão, mas isto agora corresponde ao maior elogio que eu podia esperar.

Creia que tem sempre muito prazer em o ler e em ver os seus filmes o seu desautorizado crítico, sempre ao seu dispor.

ROBERTO NOBRE

Aceitamos de bom grado as explicações que R. N. nos dá quanto à interpretação das referências que fez na «Seara Nova» a «Animatógrafo» *(posição delicada, etc.)*; não queremos intervir mais profundamente no assunto do «pasticho», embora continuemos a acreditar firmemente que não houve tal; e só queremos declarar que a destrinça fantasista entre *raccord* e *record*, que significam exactamente *ligação* ou *concordância*, o primeiro, e *disco* ou *registo* o segundo, não é a única coisa que nos causa engulhos no livro «Horizontes de Cinema». Nunca tivemos ensejo nem desejo de fazer a sua crítica. E agora, francamente, já perdeu tôda a oportunidade.

De qualquer maneira, queremos agradecer a R. N. a correcção da sua conduta para connosco. E levamos à conta da sua boa vontade as referências honrosas com que nos distingue na carta hoje publicada.



O conhecido realizador Armand Myr Handy tenciona reincidir. O seu próximo filme intitula-se «The man and the sea». Êste filme que não se parece nada com «Tormenta a bordo» mostrar-nos-á a vida do atum de lata em tôda a sua pujança. O título, porém, é provisório, pois o filme deverá chamar-se em definitivo «Man at the sea», o que quere dizer «Homem ao mar».

— Descobriu-se em Hollywood que a célebre artista brasileira Carmen Miranda não é, afinal, a criadora dos sambas. A autêntica é a extraordinária sambista Mary Louise, que vai partir para Hollywood a-fim-de substituir a artista brasileira numa nova versão de «Dawn's Argentine Wey».

O HOMEM-SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Enérgico director:

Fui ao São Luiz e fiquei entusiasmadíssimo. A vida do «Tom Edison o pequeno génio» impressionou-me mais que a campanha contra o segundo intervalo. E sabe porquê? Porque eu, digo-o sem vaidade, vi-me retratado na fita. A minha infância foi assim tal e qual. Recordar é viver, já lá dizia o Frank Capra, e é bem certo... Eu também fui em pequeno um grande inventor. O que eu inventava para não ir à escola e o que eu inventei para o meu pai não me bater. O meu pai também era um bocadinho incrédulo como o pai do Edison. Talvez um poucochinho mais bruto. Era enérgico e tinha uma vontade de ferro; uma vontade e a mão também era de ferro. Lembro-me bem como se fôsse hoje. A cada invenção minha correspondia uma tareia e olhe que apanhei mais de cento e trinta tareias. Já vê que a minha infância foi agitada e talvez mais gloriosa que a do pequeno Edison. Se fôsse na América eu tinha dado que falar... A minha mãe, tal como a mãe de Edison, essa acreditava em mim e quanto à minha irmã já nesse tempo tinha a mania do Cinema e dizia que havia de ser como a Italia Almirante Manzini.

Hoje, eu sei, o meu pai está arrependido por não me ter deixado seguir a carreira de inventor. Êle agora já diz que eu não sou tão estúpido como parecia em miúdo.

E tanta coisa fiz em garoto que provaram exuberantemente a minha vocação. Ainda hoje a cêlha de lavar a roupa tem uma válvula de despejo automática que é um invento meu. A minha irmã enfiava a linha nas agulhas por um processo que também fui eu que inventei e não inventei a lâmpada eléctrica porque já o Edison a tinha inventado primeiro, mas em compensação arranjei um processo para gastar energia às Companhias Reünidas sem elas saberem. E até, hoje, apesar de serem as duas companhias juntas e ainda por cima mandarem lá todos os meses a casa verificar o contador ainda não descobriram. Mas isto fica aqui entre nós que eu não quero sarilhos.

E o geito que eu tenho para construções... Uma vez, sem o auxílio de ninguém, construi um relógio que o meu pai ainda hoje aproveita para pisa-papéis e doutra vez, logo ao princípio da telefonia sem fios, construi um aparelho de rádio que ficou tão parecido que só lhe faltava falar.

Hei-de ir ao São Luiz mais vezes e hei-de lá levar o meu pai para êle ver o que os pais prejudicam os filhos por não lhes reconhecerem as qualidades. Hoje, se me têm deixado dar largas à minha fecunda imaginação eu podia ser um segundo Edison.

Sem mais, seu devotado amigo

Ignácio da Purificação



ILONA MASSEY

A nova estrêla de Hollywood que conquistou o público em «Balalaika»



NELSON EDDY

O famoso tenor que vimos recentemente ao lado de Ilona Massey

UM FILME SALUTAR

«TRAQUINA QUERIDA»

com a pequena actriz-cantora Gloria Jean



As meninas milionárias da Liga dos Pingüins hostilizam a convidada

Os que acusam o cinema de ser um espectáculo pouco educativo, devem ir ver êste filme e levar os filhos, sem hesitação

Àqueles que tantas vezes acusam o Cinema de espectáculo dissolvente, pernicioso, não aconselhável para a mocidade, apontamos, como um exemplo de que nem sempre tais afirmações, por vezes tão injustamente feitas com carácter exclusivista, são merecidas, a assombrosa comédia «Traquina Querida», que Lisboa está agora interessadamente vendo nos cinemas Odéon e Palácio.

Ninguém pode, nem por um momento sequer, deixar de reconhecer que, raras vezes, como nessa excepcional produção que Filmes Alcântara distribuem, tão deliberadamente se procurou que um espectáculo, exuberante de frescura e replecto de graça, constituísse ao mesmo tempo um compêndio da mais límpida moral, a mais ideal diversão que se pode oferecer à gente môça.

Um filme para tôda a gente

Apressamo-nos, contudo, a declarar que estas palavras não pretendem significar que «Traquina Querida» seja um filme que só interesse a crianças. Longe disso! Grandes e pequenos admirarão, deleitados, essa adorável película onde tudo é luz, tanto nas figuras como nas almas; onde tanto cantam as crianças, como a Natureza.

A descoberta de Gloria Jean seria a consagração de Joe Pasternak se êle não estivesse já celebrizado com a revelação de Deanna Durbin. Pois agora, conhecida a pequena Gloria, e sem apearmos a sempre querida Deanna do pedestal onde a nossa admiração a entronizou, não deixamos de confessar a nossa grande admiração e profunda simpatia pela nova actrizinha, que «Traquina Querida» nos revela e, aqui, muito em segrêdo, para que a Deanna nos não ouça, confessamos que ainda achamos Gloria Jean melhor cantora, apesar dos seus 11 anos, do que a deliciosa heroína da «Primeiro Amor de Gata Borralheira».

«Traquina querida» é um filme encantador

Já sabemos que Joe Pasternak, com a primeira descoberta, salvou a Universal da falência. Estamos agora convencidos de que a prodigiosa Gloria Jean duplicará os lucros da firma.

Antes de vermos o filme, mantivemo-nos prudentemente dentro da estratégica reserva que era lícito usar-se ante a publicidade estrangeira e as notícias que nos informavam da autêntica apoteose que constitui a estreia de «Traquina Querida» no seu país de origem. Hoje, porém, visto o filme e admirada a sua encantadora protagonista, e havendo já beneficiado dessa autêntica comunhão de bom gôsto que é a película apresentada, em auspiciosa hora, por Vicente Alcântara, Ld.ª, reconhecemos espontâneamente que a publicidade original nem mentiu nem exagerou e, connosco estarão sem dúvida todos aqueles dos nossos leitores que já tiveram o prazer de ver o filme, o qual está sendo, muito lògicamente, um dos grandes êxitos do Odéon e do Palácio.

Não estamos, naturalmente, fazendo a crítica do filme. Disso se ocupa, no lugar respectivo, quem tal incumbência tiver. Isto mais não é do que a expressão de entusiasmo de quem saíu encantado com um dos mais extraordinários, salutares, bem feitos e, afinal, mais singelos dos filmes que têm impressionado o nosso sentimento cinéfilo. Êste desabafo natural, que só as grandes obras podem provocar, senti-lo-ão e compreendê-lo-ão também êsses outros cinéfilos como eu, que confiam as suas impressões, por exemplo, à secção do «Animatógrafo» que costuma acolher as impressões dos seus leitores e que por isso mesmo são os mais sinceros e mais dignos de ser lidos. Por tal razão, tenho a absoluta certeza de que o orientador da «Página dos Novos» vai receber muito original a respeito de Gloria Jean e de «Traquina Querida».

E nunca, como agora, tal entusiasmo é mais justificado. «Traquina Querida» é um banho salutar, que nos tonifica o espírito, nos rejuvenesce e melhora, nos anima e alenta para as agruras da vida. Por isso, a melhor prova de amizade que se pode tributar a alguém a quem estimemos é aconselhar-lhe que trave imediatamente conhecimento com a preciosa Gloria Jean.

JOSÉ SENA



Gloria Jean contracena com Robert Cummings, excelente galã cómico, que constitui com Nan Grey o «par crescido» de «Traquina Querida»



Beulah Bondi no papel duma austera solteirona a que Pep Emma (Gloria Jean) traz o primeiro carinho e o primeiro beijo

CINEMA DE AMADORES

OS AMADORES ESPANHOIS ENVIAM AOS SEUS COLEGAS PORTUGUESES UMA SAÜDAÇÃO E OS SEUS MELHORES FILMES

Compreendendo inteligentemente o seu alcance, os amadores espanhóis enviaram por intermédio de Artur Rodrigues da Fonseca, director da revista técnica de cinema de amadores «OBJECTIVA», uma saüdação aos seus colegas portugueses.

Tal gentileza merece o reconhecimento de todos nós.

Verifica-se mais uma vez estar a Espanha disposta a colaborar estreitamente com Portugal em matéria cinematográfica. Surge agora a possibilidade dum intercâmbio luso-espanhol de Cinema de amadores.

Compreende-se fàcilmente — e «Animatógrafo» não se cansa de salientá-lo — o valor tanto para os profissionais, como para os amadores, desta aproximação cinematográfica entre os dois países da Península.

Os amadores espanhóis enviam-nos alguns dos seus filmes, que serão exibidos numa sessão a realizar no momento oportuno.

A lista das produções enviadas é a seguinte:

«ZAMORA» — Documentário em 16 m/m, 120 mts., de Daniel Jorro — 1.° Prémio do Concurso A. C. A. M. de 1936.

«POR TIERRAS DE TALAVERA» — Documentário em 16 m/m, 120 mts., de Daniel Jorro — Taça de Prata.

«EL VALE DEL TIETAR» — Documentário em 8 m/m, 60 mts., de R. G. Ortiz — Medalha de Ouro de 1936.

«EL GRAN CHARCO» — Documentário temático em 9,5 m/m, 100 mts. de E. Simon — 1.° Prémio de 1939.

«CONTRASTES» — filme super-realista em 9,5 m/m, 90 mts. do dr. M. Riosalido — de 1939, Taça de Prata LENIDA e Medalha de Prata SIRIO FILMES.

«SUEÑO DE AMOR» — dramático descritivo (baseado nos Nocturnos de Liszt), em 9,5 m/m, 130 mts. de G. Basabé. Prémio extraordinário 1939, Taça de Prata SIRIO FILMES, Menção especial LENIDA e medalha de Ouro de J. E. D. N. (Secção Técnica).

As altas calssificações e prémios atribuídos a estes filmes permitem-nos antever excelentes qualidades de podução.

A saüdação aos amadores portugueses foi enviada pela A. C. A. M. — Agrupación de Cine Amateur de Madrid — de que é presidente o sr. Daniel Jorro e secretário geral o sr. dr. M. Riosalido, grande entusiasta e um dos principais animadores da cinematografia de formato reduzido em Espanha.

Da carta que acompanhava a saüdação transcrevemos as seguintes passagens.

O cinema amador, verdadeira expressão de Arte, verdadeiro «Cinema pelo Cinema», sem fins lucrativos, há-de chegar a ter em todo o mundo o lugar que merece.

A isso tende a A. C. A. M. e a isso hão-de tender os Clubes de todos os países sem regatear qualquer esfôrço.

O entusiasmo de todos e a união de todos os amadores há de ser, sem dúvida alguma, a base do Cinema amador mundial e a origem das relações artístico-cinematográficas entre os povos.

Que estas relações que se iniciam hoje entre os cineastas amadores madrilenos, representados pela Agrupación de Cine Amateur de Madrid, e os amadores portugueses, sejam duradoiras, para bem da amizade entre Portugal e Espanha.

Desnecessário será frisar o reflexo que esta carta e a mensagem que a acompanha virão a produzir na cinematografia portuguesa de amadores.

Os amadores portugueses saberão responder com amizade e reconhecimento a esta prova de simpatia e inteligência dos amadores espanhóis.

E àqueles que ainda têm dúvidas sôbre as possibilidades de existência duma organização cinematográfica de amadores damos a garantia duma colaboração luso-espanhola que bastante beneficiará as duas cinematografias.

Deve aproveitar-se esta aproximação dos amadores dos países ibéricos para desenvolver a actividade cinematográfica, permitindo desta forma a criação dum intercâmbio de grande utilidade para as duas nações.

É êste o momento em que se deve tomar definitivamente uma posição. Acabaram-se as suposições, os planos e os projectos. Estamos em plena realidade, tudo o mais que se fizer será a consolidação do lugar já alcançado.

Da arte na cinematografia de formato reduzido

No princípio a Arte era a maneira de tornar menos rude certos pormenores.

Era a forma de embelezar.

Lentamente evolucionou atingindo extraordinário relêvo. Dividiu-se e sub-dividiu-se. Tomou parte em tôdas as manifestações dos grandes génios, compartilhou em tôdas as isenções e descobertas dos sêres humanos, e agora encontra-se em quási tôda a parte.

A Arte é hoje uma coisa barata, quási se vende ao domicílio e a prestações com bónus mensais.

Presentemente qualquer senhor é um artista. Uma garatuja que um miúdo faz é obra dum artista.

O artista, o autêntico e insofismável artista, já não é artista, pois não consegue viver da sua arte. A arte é tudo e não é nada.

O Cinema, invenção técnica e material do génio humano, também carece da Arte, para embelezamento de todas, as suas produções.

O mais insignificante plano cinematográfico tem o seu quinhão de Arte. Eis porque o Cinema exige perto do técnico de cinema o observador artístico. Porém, filmes há em que a exuberância artística é mais evidente do que noutros. E embora pareça obra do acaso e da sensibilidade individual, isto é premeditado e é estudado. Chega-se portanto à conclusão de que é necessário obter mais ou menos efeitos artísticos consoante o trabalho previsto.

Certos filmes têm necessidade absoluta de maior *quantidade* de Arte por nela residir o seu principal atractivo. Outros há em que o entrecho, a direcção técnica, os truques e muito outros meios de expressão, têm mais preponderância do que a Arte, mas nunca, e não será demais afirmá-lo, ela poderá ser considerada elemento dispensável.

Na cinematografia de amadores é a Arte elemento indispensável nas obras executadas. Deve-se porém ter na devida conta o emprêgo da expressão a que chamamos artística, no assunto que estamos abordando.

A Arte que se expressa no Cinema é especial. Não é a Arte que observamos na escultura, na pintura, etc.. É a Arte cinematográfica; um sentimento embelezador e movimentador.

Não se podem admitir como Arte Cinematográfica planos contemplativos de paisagens belas, nem enquadradamentos onde se encontram dispostos sêres humanos em atitudes de estátuas gregas.

Não! Deve-se possuir o sentimento cine-artístico, que é bem mais diferente de todos os outros.

É uma resultante da conjugação da técnica cinematográfica, com o dinamismo da vida actual, acrescido da necessidade da visão, do belo no espírito dos povos.

Uma coisa queremos fazer notar, para que se evite a continuação de êrros já cometidos: Arte não é Poesia. A Poesia será compreendida só por aqueles que a sintam. A Arte todos a sentem muito embora nem sempre a compreendam.

E sentem-na na sensação de comodidade visual. Ao contrário disto, a poesia vibra no espírito e nem todos os espíritos se encontram preparados para a admitir.

Para desgôsto daqueles que amam verdadeiramente a expressão artística do Cinema, é vulgar observar-se da parte de alguns directores de filmes o desconhecimento que, talvez propositadamente patenteiam por uma questão de exuberância poética, da existência dêstes dois elementos, absolutamente distintos, da cinematografia.

Utilize-se pois a Arte cinematográfica mas como elemento colaborador da obra total e não como motivo principal. Não se deve esquecer que para se contemplar obras de arte há museus em todo o mundo e que as salas de projecção são uns estabelecimentos onde se deve ter ao serviço do público objectos que lhe sejam acessíveis e que lhe agradem.

JOÃO MENDES

ACTIVIDADE

Vingança é o título dum filme policial que Fernando Guerreiro está realizando e de que é também o operador fotográfico, tendo como intérpretes Judite Cabrita, Manuel Reis e outros.

A caracterização está a cargo de António Heitor e, Francisco Noronha é o assistente geral.

Êste filme tem três truques de grande efeito e que devem resultar plenamente.

★ Concluiu-se a montagem do filme de entrecho «Um verão aconteceu...» produção e realização do amador João Diniz Nunes, e que será apresentado brevemente num concurso de filmes de amadores.

★ Organizou-se recentemente, na cidade do Pôrto, uma agremiação de amadores de cinema.

É constituída por seis rapazes que vão trabalhar com o formato de 8 m/m estando já a preparar a sua primeira produção.

★ As sessões que o dr. António de Menezes está a organizar são constituídas por filmes suecos, alemães e suíços.

Esperamos que os nossos amadores não deixem de assistir a estas sessões onde poderão obter certos esclarecimentos sôbre as características dos filmes de amadores daqueles países.

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A BAÍA DE HUDSON» — Fox Filmes
— **A actuação de LAIRD CREGAR, um novo cómico de excepcionais qualidades físicas e histriónicas.**
— **A fotografia de PEVERELL MARLEY e GEORGE BARNES que valoriza todo o filme, especialmente as admiráveis paisagens que nele abundam.**
— **O interêsse histórico do argumento.**

«BALALAIKA» (M. G. M.)
— **Por ter atingido a QUINTA SEMANA de exibição no EDEN.**

«TOM EDISON, O PEQUENO GÉNIO» — M. G. M.
— **A realização de NORMAN TAUROG.**
— **A interpretação de MICKEY ROONEY (Tom Edison).**
— **A interpretação de FAY BAINTER (A Mãe).**
— **A adaptação cinematográfica de BRADHURY FOOTE, DORE SCHARY, HUGO BUTLER e ALLAN DUNN.**
— **As interpretações de VIRGINIA WEIDLER (a Irmã), GEORGE BANCROFT (o Pai) e VICTOR KILIAN Mr. Dingle).**

«TRAQUINA QUERIDA» (Filmes Alcântara)
— **A novidade a frescura de todo o filme, baseado numa história de I. A. R. WILIE, planificado por CROVER JONES, realizado por RICHARD WALLACE e produzido por JOE PASTERNAK.**
— **O facto invulgaríssimo de haver UMA IDEIA NOVA EM CADA PLANO.**
— **A personalidade deliciosa e a voz angelical de GLORIA JEAN.**

«O FILHO DO CONDE MONTE-CRISTO»

(The son of Monte Cristo)

As novelas populares têm tipos definidos que o público conhece de cor. São personagens «batidos», indispensáveis neste género de produção cinematográfica com todos os cordelinhos de bom folhetim, movimentado e emocionante.

«O filho do Conde de Monte Cisto» é, de facto, obra destinada a distrair agradàvelmente as platéias populares. Película de aventuras e amor à Richebourg com apoteose final, não foge à lei dêsse género-roda-pé-dos-jornais que deu características especiais tanto ao cinema como à literatura.

A acção decorre num imaginário Grão-ducado balcânico por alturas de 1860. É ali que Rowland V. Lee desenvolve a novela do seu filme, em que não faltam ciladas, duelos, intrigas, palácios com esconderijos, masmorras, catacumbas, portas falsas — todo êsse manancial que define um filme popular.

No desempenho, nos principais papéis, temos Louis Hayward, Joan Bonnett e George Sanders. O primeiro é o galã simpático, romântico, decidido e ágil, que resolve por amor viver as mais intensas peripécias de sentido novelesco. Joan Bennett é a gran-duquesa, dama em riscos de casamento com o cínico (George Sanders), o temível general Lanen que impõe o seu amor para mais fàcilmente realizar os seus fins. — A. F.

«TRAQUINA QUERIDA»

(The Under-Pup)

Estamos diante dum filme excepcional. Raras vezes a tela tem podido reflectir espectáculo mais salutar, mais agradável, mais honesto. Porque existe uma *honestidade* no espectáculo, honestidade de processos e de fins. A tendência natural dos produtores e realizadores, quando têm que apresentar uma vedeta infantil é encontrar um argumento pouco denso, pouco dispersivo, em que as prendas e gracinhas da menina ou menina-prodígio se evidenciem sem custo. Daí resultam filmes de muita circunstância e pouco mérito, em que a estrelinha despontante é rodeada por artistas de terceira ou quarta categoria, escolhidos sem escrúpulo e encenados sem cuidado. Verificou-se o tristíssimo fenómeno na série lamentável de Jackie Coogan, na série de Shirley Temple, etc.

Filme de circunstância, «Traquina Querida» é-o decerto. Mas que cuidado, que escrúpulo, que frescura e novidade na sua concepção e realização! Que excelentes intérpretes, ao lado da pequena Gloria Jean, revelação indiscutível, radiosa de simpatia, de infantilidade e de talento musical, pois tem a voz, pelo menos, tão linda como a de Deanna Durbin. Charles Aubrey Smith, Avô n.º 1 do Cinema, Billy Gilbert, o gordo mais patusco do «écran», Nan Grey, que continuou a «crescer» e se tornou uma encantadora mulher, Robert Cummings, um galã à maneira de Douglas Mac Lan, todos os garotos (os filhos-pesadêlos do jardineiro são duas espantosas invenções!) e o grupo inteiro das «Pingüins» — todos concorrem para a excelente impressão que o filme deixa a qualquer espectador.

Mas, acima de tudo, a imaginação esfusiante que o filme revela, a sucessão ininterrupta de «gags» felicíssimos e *novos*, a ponto de se poder garantir que se conseguiu *ter uma ideia para cada plano*, vem revelar mais uma vez o tesoiro de espírito, de sensibilidade, de inteligência que a organização de Hollywood oculta sob o seu aparato de industrialização seriada e de comercialização sistemática.

Um filme para tôda a gente, que recomendamos a tôda a gente. A. L. R.

«A BAÍA DO HUDSON»

(Hudson's Bay)

Esta produção é uma das melhores demonstrações que conheço da importância que tem, para o êxito de um espectáculo cinematográfico e para o próprio valor intrínseco de um filme, a forma de tratar um argumento. Reparem: não me refiro ao argumento, mas ao seu «tratamento» e à sua planificação.

A narrativa cinematográfica precisa de viver do pitoresco dos pormenores, do carácter documentário das particularidades relativas ao assunto versado, da maior intimidade possível com as personagens e, talvez principalmente, da condensação dos elementos dramáticos da história. O «narrador cinematográfico» nunca deve colocar-se numa posição «distante» da narrativa — tem de a viver, de se misturar com as suas personagens, de mergulhar completamente no tempo e no espaço da aventura que se propõe contar — deve ser sempre um repórter, na melhor acepção do têrmo.

Foi isso que Lamar Trotti, o argumentista, não soube ser, e foi isso que impediu «A Baía de Hudson» de ser um grande filme. De facto não lhe faltam os outros elementos para o ser, se bem que a realização de Irving Pichel não atinja aquele grau de virtuosismo indispensável para distinguir os filmes excepcionais. Tudo o resto é da melhor qualidade: decorações, acompanhamento musical (note-se como foi bem aproveitada a canção francesa *«Auprès de ma blonde»*), trucagem, fotografia, etc.. Estes dois últimos pontos têm jús a menção especial, pela alta categoria do trabalho produzido pelos operadores Peverell Marley e George Barnes, e dêles outra coisa não era de esperar, e pelo acêrto admirável da transparência, especialmente nos planos em que vemos os protagonistas numa piroga, rio acima, depois de fugirem de Albany.

A interpretação reúne um excelente grupo de actores; mas não é o «astro» do *cast* quem faz melhor figura. Essa honra coube a Laird Cregar, um homenzarrão recém-vindo ao cinema que desempenha uma excelente figura cómica com truculência e à-vontade invulgares. Paul Muni cometeu o êrro de transformar numa figura de composição — e que composição! —um papel que só pedia naturalidade e espontaneidade. Conseqüências do hábito de interpretar personalidades históricas... Que saudades nos fez o seu Pierre Radon dos bons tempos da «Fúria Negra», do «Eu sou um evadido», do Scarface»!

A magnífica Gene Tierney nada teve que fazer. Mas John Sutton e Vincent Price distinguem-se nos papéis de Lord Crewe e do Rei Carlos II (esta última, aliás, composta segundo as velhas receitas folhetinescas).

Seria injusto terminar estas notas sem fazer uma referência à beleza e grandiosidade das paisagens que abundam no filme. Êsses exteriores e a actuação de Laird Cregar são talvez os dois maiores motivos de recomendação de «A Baía de Hudson». — D. M.

«TOM EDISON, O PEQUENO GÉNIO»

(«The Young Tom Edison»)

A grande, prodigiosa e fecunda época da vida é, sentimentalmente, a adolescência. Nenhuma idade como essa para que Duhamel pedia a piedade do mundo no «Jardin de Bêtes Sauvages», e em que, na frase de Jean Rostand «o coração muda como a voz» tem tanta riqueza afectiva, tanta abundância de pequenos pormenores da sensibilidade o homem ainda brinca e o garoto já faz a barba. A fertilidade do conflito íntimo da adolescência encheu literaturas inteiras e, mais ou menos à base da psicanálise, mais ou menos explorada ante o conflito «pai-contra-filho», foi tratado sôbre os mais imprevistos aspectos. Todavia a literatura mesmo a que não mergulhava na profunda análise psicológica nunca dominou, como pode fazer o Cinema, porque não tem recursos completos para isso; o dinamismo que, a par da riqueza de sensibilidade contraditória (e conseqüência dela), caracteriza a adolescência.

Época de milhares de solicitações idade de desiquilíbrios, na adolescência estão os anos de maior movimento da vida. Ora para tratar movimento — o Cinema.

E, dentro do Cinema, para tratar histórias de rapazes ninguém

(Continua na página 16)

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

ALFRED HITCHCOCK vai dirigir Gary Grant e Joan Fontaine em «Before the Fact,» para a RKO-Rádio

Que caminho andado desde o tempo já longínquo — aqui o «longínquo» representa pouco mais de um simples lustro... — em que o pobre Cary Grant encaixava com invejável estoicismo todos os galãs mais ou menos canastrões dos primeiros filmes da opulenta Mae West, que os cinéfilos portugueses nunca conseguiram digerir e de alguns outros filmes anodinos de Silvia Sidney e Elissa Landi, até à posição de excepcional destaque que êle hoje ocupa no Cinema do seu País. Essa oportunidade deveu-a o protagonista de «Gunga Din» a essa deliciosa «Com a verdade me enganas» uma das mais felizes comédias da época fecunda dos famosos «non-sense», a que a notabilissima Irene Dunne emprestava também a sua penetrante personalidade. «Duas Feras», «Só os Anjos têm Asas», «A Irmã de Minha Noiva» e a sua recente Philadelphia Story» vieram confirmar o seu talento e assegurar-lhe o lugar destacado que hoje usufrui.

Por isso êle é hoje um dos maiores nomes entre os melhores de Hollywood.

O novo filme de Cary Grant, cuja realização se iniciou agora nos estúdios da RKO em Gower Street intitula-se *Before the Fact.*

Dois outros grandes nomes assinalam êsse filme — o do seu realizador e o da primeira actriz — Alfred Hitchcock e Joan Fontaine. Hitchcock é o encenador inglês que nos seus dois primeiros filmes americanos — a notável «Rebecca» e o magnifico «Foreign Correspondent», dois concorrentes ao prémio para o melhor filme da Academia Americana — logrou impôr-se como realizador de grande envergadura. Joan Fontaine a inexquecível Mrs. de Winter de «Rebecca» foi, com Bette Davis e Katherine Hepburn, uma das mais sérias concorrentes de Ginger Rogers ao almejado «Oscar» da melhor interpretação feminina do concurso da Academia.

Sir Cedric Hardwicke, que há pouco vimos interpretar a figura do dr. Thomas Arnold em «Serás um Homem!», e Dame May Whitty, duas consagradas figuras do teatro inglês que o Cinema americano chamou a si, assim como Nigel Bruce, Isabel Jeans e Heather Angel são os demais intérpretes de «Before the Fact» de que o operador Harry Stradling é o fotógrafo.

George Raft e Rita Hayworth são os protagonistas do filme «CARNAVAL NO RIO» da W. B.

A Argentina e o Rio de Janeiro, continuam a fornecer aos produtores americanos, valiosas sugestões para os seus filmes. A Fox com «Down Argentine way», essa maravilhosa «Sinfonia dos Trópicos» e «Road To Rio» ainda por estrear, vão abrir o filão mágico, pois mais dois outros filmes, um decorrendo na Argentina e outro situando-se precisamente na formosa e grandiosa capital do Brasil estão neste momento em realização nos estúdios da Califórnia. O primeiro é da Republic, a firma que os Filmes Luiz Machado representam entre nós; intitula-se *Mount Argentina way* e tem por protagonista o popularíssimo cow-boy Gene Autry.

O outro filme, pertence ao programa da Warner Bros. e tem por titulo *Carnival in Rio.* Como se pode calcular «Carnaval no Rio» é um filme de ambiente musical, um género que a Warner foi a primeira a tentar em grande escala, desde a sua famosa série das Golddiggers até «Mil Apoteoses», o célebre «Footlights Parade» passando por «Wonder Bar», «Colleen» «Casino de Paris», um género de filmes que de há três anos para cá a Warner nunca mais abordara.

Serão seus intérpretes George Raft, Dennis Morgan, Brenda Marshall, Anthony Quinn e, se para tanto conseguir autorização da Columbia, como se espera, Rita Hayworth, que encarnará no filme uma figura de brasileira. William Keighley, um dos mais considerados directores do «lot» da Warner, cujos filmes a SIF está apresentando em Portugal com grande êxito, será o realizador. O «scenarista» Robert Rodsen que é o autor do argumento, voltou há pouco do Brasil e outras repúblicas sul-americanas, onde foi em viagem de estudo e de recolha de elmentos para aquele filme.

Nelson Eddy abandona Jeanette Mac Donald e vai fazer o «Soldado de Chocolate»

Já no número passado de «Animatógrafo» dissemos que desta vez, no seu novo filme, Jeanette Mac Donald não teria a seu lado o seu habitual «parceiro» Nelson Eddy.

É que o êxito de «Balalaika» veio demonstrar à Metro Goldwyn Mayer, desmentindo assim uma asserção que fazia já lei, que já não era indispensável reunir os dois artistas num mesmo filme para o mesmo dar dinheiro pois cada um podia bem arcar com as responsabilidades da sua popularidade.

E tanto assim é que a companhia do Leão acaba de escolher para Nelson Eddy o seu novo filme. É a versão cinematográfica da célebre opereta de Oscar Strauss «O Soldado de Chocolate» de cujos direitos a Metro era já detentora desde há alguns anos. Ora, naquele filme, de que Victor Saville, o conhecido homem de Cinema inglês é o produtor, terá Nelson Eddy uma nova «leading-lady, que fará também a sua estreia na tela. Trata-se da jovem soprano do Metropolitan Opera House, Rise Stevens, que goza neste momento duma grande popularidade nos meios liricos de Nova York.

«O Soldado de Chocolate» era a única opereta do nosso século que não tinha sido levada ao Cinema. Obra muito conhecida e cantada em todos os palcos do mundo, ela teve agora, a sua maior consagração, pelo Cinema, que se propôs universalizá-la, levando-a aos lugares mais recônditos da terra. Strauss foi, portanto, mais uma vez glorificado pela arte cinematográfica.

FITAS NA FORJA

- *HER FIRST BEAU, com Jane Withers, Jackie Cooper, Edith Fellows, Josephine Hutchinson, Martha O'Driscoll e William Tracy. Realizada por Ted Reed. Fotografia de George Mechan. Colúmbia (Aliança Filmes).*
- *DR. JEKYLL AND MR. HYDE, com Spencer Tracy, Ingrid Bergman, Lana Turner, Donald Crisp e Ian Hunter. Direcção de Victor Flemming. Fotografia de Joseph Ruttenberg. Metro Goldwyn Mayer.*
- *SKYLARK, com Claudette Colbert, Ray Milland, Brian Aherne, Binnie Barnes, Walter Abel, Mona Barrie, Ernest Cossart, Grant Mitchell e James ReRnnie. Realização de Mark Sandrich. Fotografia de Charles Lang. Paramount.*
- *MIAMI, com Don Ameche, Betty Grable, Robert Cummings, Jack Haley, Carole Landis, Charlotte Grenwood, e os Condos Brathers. Realizado por Walter Lang. Em Technicolor. Fox.*
- *SENATE PAGE BOYS, com Herbert Marshall, Virginia Bruce, Gene Reynolds, J. M. Kerrigan, Mary Currier, Vaughn Glaser e Pierre Vatkin. Dirigida por Alfred E. Green. Fotografia de Allan Siegler. Columbia (Aliança Filmes).*
- *LOVE GRAZEY,* com *William Powell, Myrna Loy, Gail Patrick, Jack Carson, Sidney Blackmer, Florence Bates. Realização de Jack Conway. Fotografia de William Daniels. Metro Goldwyn Mayer.*
- *PALS OF THE PECOS, com Bob Livingston, Bob Steele, Rufe Davis e June Johnson. Direcção de Les Orlebeck. Fotografia de Reggie Lanning. Republic (Filmes Luiz Machado).*
- *UNDERGROUND, com Jeffrey Lynn, Philip Dorn, Karen Verue, Frank Reicher, Tom Whitney e Egdar Brecher. Realizada por Vincent Sherman. Fotografia de Sid Hickox. Warner Bros. (S. I. F.)*

A PARTIR DE HOJE

NO **TIVOLI**

GINGER ROGERS

EM



KITTY

A RAPARIGA DA GOLA BRANCA

(KITTY FOYLE)

O filme que deu a **GINGER ROGERS** o Prémio da Academia destinado à MELHOR ACTRIZ

Realização de SAM WOOD

Uma produção

R K O RADIO FILMS

A FEIRA DAS FITAS

(Continuação da pág. 13)

como Norman Taurog que dirigiu «Tom Edison, o Pequeno Génio». O grande realizador de «Tom Sawyer» sente como nenhum outro a adolescência e é quando trata histórias como a presente que se revela tôda a sua categoria de grande encenador. «Tom Edison» está cheio de pormenores primorosos que enchem de verdade todos os momentos: o protesto mudo do rapaz incompreendido pelo pai e pela cidade, a queixa e o mêdo do que se sente «as suas ideias» e os outros chamam «maluco», o entusiasmo do garoto que inventa os seus processos de ganhar dinheiro e consegue os seus primeiros triunfos — pormenores que pela maneira como estão realizados distinguem esta fita de rapazes de tantas outras e lhe dão um sabor que não tiveram os «Três Pequenos Gangsters» — negro e angustiante, que não tiveram as fitas que lançaram Deanna Durbin, burguesas e côr de rosa nem as da família Hardy onde a farsa dominava.

Mickey Rooney que, como se diz a propósito de cada fita sua, está um actor consumado tem nesta fita um das interpertações sem defeitos, daquelas completamente perfeitas. Digo completamente perfeitas porque o Mickey Rooney de «De Braço Dado» e de outras fitas da série Hardy é aqui e além exagerado de processos, embora comercialmente exagerado, embora o seu poder de contacto com o público faça desculpar-lhe tudo. Em «Tom Edison» Mickey é colossal actor que sabemos e nem um momento se lhe aponta em que não seja exemplar de sobriedade e de «conta» na expressão e na inflexão.

De tôdas as suas interpretações esta de «Tom Edison» vai enfileirar ao lado da de «Lôbos do Mar», de «Três Pequenos Gangsters» e outras das que nos deixaram grandes saudades.

O Tom Edison surdo, o atarantado com a doença da mãe, feliz quando tem a sua torta de maçã, agitado quando junta os candieiros, absôrto quando a sua experiência da escola alarma tôda a cidade é sempre dado sem o mínimo artifício com verdadeira garra — para empregar expressão de que desconfiamos mas aqui nos parece justa como poucas vezes.

A história magnìficamente desenvolvida é, de Bradhury Foote, Dore Scharty e Hugo Butters que baseados nalgumas ideias de Alan Dunn aproveitaram com grande saber episódios da vida de Edison e tiveram o talento de definir um ser que deixa adivinhar um génio, e que o movimentaram a fazer-nos rir e chorar, tratando figura de tanta responsabilidade de forma a sair tão airosamente que deve ser difícil conseguir, melhor.

Serve a história, além dum conjunto técnico com a categoria de bom nível americano, um grupo de intérpretes onde queremos fazer uma referência especial à encantadora Virginia Weidler, George Bancroft, Victor William e principalmente Fay Bainter que faz da mãe de Tom Edison uma figura quási iluminada, irradiando simpatia, amor e embevecimento pelo seu filho que em cada plano ela adivinha como «grande homem».

Boa fita! Boa fita sem restrições, boa... completamente, rica de tôdas as emoções, que faz rir e chorar e da qual se desprende um exemplo construtivo forte, elevado, e uma atmosfera de simpatia que envolve e conquista tudo. Bravo Taurog, bravo Mickey Rooney, bravo Fay Bainter, bravo equipa que concebeu e fez esta fita. — F. G.

Os triunfadores da Academia



«Animatógrafo» é o primeiro jornal da Europa a publicar a fotografia tirada por ocasião do banquete da Academia Americana, depois dos dois actores premiados êste ano terem recebido os ambicionadíssimos «Oscars». Ginger Rogers está entre James Stewart e George Schaeffer, presidente da RKO-Radio, que tem Ginger contratada desde 1930

A Assembleia Geral da Tobis Portuguesa

(Continuação da pág. 3)

Há um ponto do relatório que não queremos deixar de destacar. Referimo-nos ao seguinte período, que tornamos aqui a repetir:

«Neste ano fizeram-se estudos e deligências que permitirão que no ano de 1941 haja mais produções e continuïdade na produção».

Não é inconfidência salientar que esta simples frase constitue uma alusão ao projecto do Consórcio, há meses delineado e que continua de pé à espera que chegue o momento feliz em que as circunstâncias permitam torná-lo realidade.

Desde a boa hora em que surgiu essa ideia, a Tobis prestou-lhe tôda a sua colaboração, e não tem poupado esforços para que êsse projecto possa vir a efectivar-se — na compreensão perfeita de que só a colaboração estreita de todos e a continuïdade da produção pode permitir o estabelecimento em Portugal de uma verdadeira indústria cinematográfica.

O Consórcio, nas actuais circunstâncias, é o único meio possível e prático para se obter êsse resultado.

O relatório do Conselho de Administração da Tobis — cuja gerência a eleição do dia 28 assegurou por mais três anos — garante-nos que o Estúdio continua tão empenhado na ideia do Consórcio, como na primeira hora. Sabemos que outros interessados estão em idêntica disposição, mantêm o mesmo entusiasmo.

Portanto, o Consórcio será um facto, se houver até ao fim, por parte de quem de direito, a compreensão, o desvêlo e o interêsse pelo futuro do Cinema Português que até agora já sobejamente tem sido manifestado. — D. M.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

488 — AMO UMA M A (*Penafiel*). — O realizador de *Alerta no Mediterrâneo* foi Leo Joannon; de *Noite de Glória*, Victor Schertzinger. — Êste simpático e amoroso leitor deseja corresponder-se com *Balalaika* e *Ninette*.

489 — EL ESTUDIANTE (*Lisboa*). — Recebi a revista que me mandaste. É um assombro. Ficou arquivada na Redacção, onde foi apreciadíssima. — Sonja Henie nasceu em Oslo, Noruega, a 8 de Abril de 1913. Vai completar, em breve, 28 anos. — Aqui fica expresso o desejo de te carteares com *Grande Amorosa* e *Uma Garota sem Importância*.

490 — MR. SMITH. — Nunca me maças. Felicito-te por já teres visto *Traquinas Querida*, com a graciosa Gloria Jean. Achei engraçada a tua afirmação: «São filmes como êste, que fazem o prestígio do Cinema». Parece-me, Smith amigo, que estás a exagerar um bocadinho... — As letras que pedes não são de canções de filmes. No entanto, registo o teu apêlo: êste leitor gostaria de ter as letras de «Que le importa al mundo» e «Te quiero». Se algum leitor as possuir poderá remetê-las, por meu intermédio, a *Mr. Smith*.

491—TONY (*Pôrto*). — Como sabes, ainda há tempos demos 4 páginas de correspondência. Mas continuo a ter mais de 700 cartas para responder! Estamos tratando de obter um tipo mais pequeno, para podermos incluir maior número de respostas, dentro do espaço de que possamos dispor. — Em regra, na América, o trabalho dum filme é parcelado até ao infinito. Assim, o autor do argumento não é a pessoa que o adapta à tela e o planificador, por via de regra também, é uma terceira pessoa estranha às ideias e à influência dos dois. O trabalho do planificador é basilar em Cinema. Há mesmo quem diga que não há maus realizadores, com bons planificadores. Se quiseres ficar a perceber bem a mecânica da produção cinematográfica deverás ler *Silence, on tourne*. Mas por ora, não o encontras em Lisoba. Talvez aí, no Pôrto, haja ainda algum exemplar.

492 — RUDOLFO VALENTINO (*Lisboa*). — Não creio que Edward Swal tenha encontrado o sucessor de Valentino, indispensável, aliás, para que êle possa fazer a anunciada biografia cinematográfica do mesmo. E digo-te isto, porque me não consta que haja ainda iniciado a produção dessa película.

493—UM ADMIRADOR DAS LEITORAS DE «ANIMATÓGRAFO» (*Lisboa*) — Se bem que não tenha procuração das leitoras da nossa revista, que são objecto da tua admiração, permito-me, em nome delas, agradecer-te a homenagem! — Ficas inscrito, desde já, no número dos meus consulentes. — Dorothy Lamour nasceu a 10 de Dezembro de 1914, quando a Europa se preparava para festejar o Natal, e o ruido dos canhões se sobrepunha ao festivo repicar dos sinos. — Na minha opinião, o seu melhor filme é *O Furacão*. Mas gostei muito de vê-la na *Princesa da Selva* e no *Feitiço dos Trópicos*. — Transmito a *Grande Amorosa* o desejo que tens de te corresponder com ela.

494 — ESTUDANTE DE OXFORD (*Cartaxo*). — Não te fies no retrato que de mim faz o «Sempre-Fixe»... O «Rei da Mala-posta» não usa pistola à cinta e não é a impressionante personagem que lá descreveram. Foi uma partida dum amigo, que tinha ciumes da minha popularidade... Pelo contrário: «Bel-Tenebroso» é uma personagem à maneira de Zorro... Misteriosa, mas atraente, cem por cento de «oomph». «Sex-appel» concentrado. A mais alta expressão da simpatia ,na mais feliz das sinfonias estéticas. Desculpa a modéstia... mas detesto que me caluniem... — Na realidade, os carteiros têm razão para maldizer «Bel-Tenebroso». Mas a Administração dos correios, não pensa da mesma maneira... Tanto assim que se fala em lançar um sêlo com a minha vera-efígie sugestão que ainda não aceitei, por ferir a minha modéstia. Não tenho dúvidas de que seria mais decorativo, do que aquele venerável sujeito de barbas, que ilustra os envelopes...

495 — HERME (*Senhora da Hora*). — *O Leão dos Mares* tem, a meu ver, menos interêsse do que *O Leão tem Asas*. — Ainda bem que o *Animatógrafo*, de número para número, te vai agradando mais.

496 — UMA LOIRA MADEIRENSE . —Respondo a duas cartas tuas, uma de 30 e outra do dia 2 do mês seguinte, que chegaram às minhas mãos ao mesmo tempo! Adorava estar contigo, a bordo do «May», na faina da pesca que me descreve. Porque, tal qual o Óscar de Lemos, na *Canção da Terra*, eu «gosto, gosto, gosto, gosto imenso de pescar»... — Tenho muito prazer em aceder ao teu pedido de preencher uma página do teu álbum de autógrafos. Não tens mais que fazer do que enviá-lo. Depois devolvê-lo-ei. — Vou ver se consigo obter a letra da canção «Bambina Ennamorata», cantado pelo Gigli. Mas não me parece fácil. — O Gigli é um espantoso cantor. Já interpretou dois filmes. Mas o palco não lhe deixa tempo livre. — O Mickey Rooney costuma corresponder aos pedidos de fotos que recebe. Escreve-lhe para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Transmito as tuas melhores saüdações a *Melita Sarreia Cabral*, *Uma Garota sem Importância*, *Mab Illa*, *Garota de Lisboa* e *Maria Cotovia*.

497 — ROMEU CINÉFILO (*Lisboa*). — Como sabes, o tu cá, tu lá, é a fórmula que adopto nas trocas de impressões com os meus leitores. — Vamos fazer o possível por publicar a letra das canções de Deanna Durbin. — Os filmes a que aludes não têm ainda títulos portugueses.

498 — BONECA VOLÚVEL (*Funchal*) — Ainda há falsos intelectuais que desdenham do Cinema. Deita ao desprezo, pois, essas pessoas que tomam atitudes de superioridade, sem repararem, coitadas, na triste figura que fazem e no ridículo que sôbres elas cai... — Tenho muitos leitores e leitoras, nos Açores e na Madeira, entre os quais se contam alguns dedicados consulentes desta secção. — Estou certo de que gostaste muito de *Telhados de Vidro*. É um filme muito agradável e, sem dúvida, uma das melhores comédias de Tyrone. — Carmen Miranda, depois de *Sinfonia dos Trópicos*, interpretou *Road to Rio*, que ainda não teve a sua estreia mundial. — Transmito os teus cumprimentos a *Rey... sem trono*, *Cinéfilo Nortenho* e *Deram-lhe uma Espingarda*.

499 — CALOIRO CINÉFILO (*Coimbra*). — Estamos tratando de remediar a demora das respostas. — *Dodge City* não foi ainda estreado em Portugal. Segundo me informam da S. I. F. deverá ser apresentado no decurso da época 1941-1942. — *Bloqueio* foi interdito. — *Mikado* não foi ainda adquirido para Portugal. — Aqui fica registada a tua pregunta: «Haverá alguma leitora de Coímbra que queira cartear-se com *Caloiro Cinéfilo?*

500 — ROMEU NO ALVITEJO (*Vale de Figueira*). — Ignoro quais são os artistas portugueses ou estrangeiros que sabem esperanto. — Podes escrever à Dorothy Lamour para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — *O Leão dos Mares* é um filme muito curioso. — Nada sei de positivo acêrca de *O Homem do Ribatejo*, cuja realização me consta que vai prosseguir.

501 — DOIS TIROLEZES (*Lisboa*). — Para se corresponderem com *Uma Garota sem Importância* é necessário apenas que ela esteja pelos ajustes... Vamos a ver o que essa leitora me diz sôbre o assunto.

502 — FOTOGÉNICA (*Lisboa*). — De facto, *Nick & Espôsa Detectives* é inferior à *Comédia dos Acusados* e sobretudo a *Homem Sombra*. É o defeito dos filmes da mesma série... Ainda que queiramos fugir às comparações elas ressaltam constantemente! — O *Homem Sombra* e a *Comédia dos Acusados* são dois filmes distintos, embora com um só par de intérpretes, verdadeiro...

503 — FRITZ JAMES (*Lisboa*). — Entre os três pseudónimos escolhi o que abre estas linhas. É o mais discreto. «Camarão azul», por exemplo, pareceu-me exageradamente colorido... — Não conheço actriz alguma com o apelido de Fbyn! Deve ser engano. Vê lá bem o que queres, para eu te responder. — Gloria Jean: Universal Studios, Universal Citâ, Hollywood, Califórnia.

504 — GAROTA DE LISBOA (*Lisboa*). — Deves habituar-te a esperar as respostas com mais calma... Também eu gostaria de poder responder às minhas leitoras, na volta do correio. Mas se não é possível... — A popularidade de Deanna Durbin afigura-se-me absolutamente compreensível. É um amor de rapariga. Vamos a ver por quanto tempo o público lhe será fiel. — Transmito as tuas saüdações a *Bob Taylor*, *Conde Axel de Fersan da Suécia*, *Raffles* e, principalmente (és tu que o dizes!) a *Bob Taylor*.

505 — PINOCCHIA (*Lisboa*). — Mesmo que me escrevas numa fôlha de couve ou em papel de embrulhar manteiga é sempre com o maior prazer que leio as tuas cartinhas. — Espero que tenhas gostado do *Primeiro Amor de Gata Borralheira* e sobretudo de Robert Stack, que deu a volta ao miôlo de tantas das minhas leitoras.

506 — RITMO CINÉFILO (*Lisboa*). — Recebi e já respondi à tua carta. — Não me parece fácil obteres quadrados de filmes célebres. — Agradecemos desvanecidos as tuas boas referências, no que diz respeito ao agrado que *Animatógrafo* te vem causando!

507 — ZÉ FERNANDES (*Serra da Estrêla*). — Respondo a uma carta tua (três fôlhas escritas à máquina e um adicional). Antes de mais nada, quero dizer-te que transmiti, em tempo, a tua volumosa carta para *Benjamina*, que me disse muito ter apreciado os figurinos que lhe mandaste. De facto, as estrêlas de Hollywood, pelo menos no Cinema, marcam pelo seu bom gôsto. Todos os modelos são admiráveis. Mas, neste ponto, sou da tua opinião: há que escolher e adoptar ao nosso gôsto. E, às vezes, um pouco de personalidade, não fica mal. — Não te julgava capaz (perdoa!) de discorreres com tanta inteligência sôbre o *Pôrto de Abrigo*. Sempre me saíste um má-língua! Essa de resumires os argumentos dos filmes portugueses em «galo, disputado por uma franga e uma galinha», não está mal! Na *Varanda*, Madalena e a Dina; no *Pôrto de*

O Correio de Bel-Tenebroso

Abrigo, a Maria da Graça e a Elisa Carreira; no *João Ratão*, a Maria Domingas e a Tereza Casal; no *Gado Bravo*, a Nita Brandão e a Olly Gebauer; no *Feitiço*, a Isabela e a Madalena; etc., etc. Nós, os homens, somos muito pretendidos!... Sobretudo no Cinema!

508 — RENÉ *(Barreiro)*. — Tomo nota de que és *René* e não *Renée*. Desculpa, mas não foi por mal. — Silvia Sidney está aparentemente retirada da tela. Esta época que eu saiba, não veremos nenhum filme dela.

509 — MARIA PAPOILA *(Lisboa)*. — Estás perdoadíssima. Mas, entretanto, espero que passes a ser mais pronta a escrever-me. É feio pecado ter preguiça, mesmo que esta apareça só em frente da caneta e duma fôlha de papel em branco. Muito obrigado pelos teus bons votos. Apreciei-os muito. — Espero que depressa possas voltar ao Cinema, para ver alguns dos filmes magníficos que a presente temporada nos tem dado!

510 — DUQUE DE WEST POINT II *(Lisboa)*. — Tenho o maior prazer em te ver de novo no meio dos consulentes desta secção. — Já não é a primeira vez que me aparece um caso igual ao teu: dois leitores com o mesmo pseudónimo. És o primeiro a dizer-me que, nestas páginas, já apareceu o pseudónimo que adoptaste. De modo que o leitor que o usou tem, sôbre êle, incontestáveis direitos. Se queres, ficarás sendo o *Duque de West Point II*, ou então deverás escolher outro nome que poderia ser, por exemplo, *Cadete de West Point*, já que a Academia Militar americana, que o Cinema tantas vezes tem focado, te merece tão grande simpatia e admiração. — Além de *O Primeiro Amor de Gata Borralheira* veremos. esta época, *Data Memorável* (It's a date).

O que quere cantar...

AT THE BALALAIKA

When the melancholy shadows fall
My heart is melancholy too.
Then I ear the Balalaikas call
And life is gay and bright and new.

At the Balalaika
Where there is magic in the sparkling wine
And melow music in the candels shine
I have a «rendez-vous»...
At the Balalaika
Who knows what is this night may bring
What lovely melody my heart may sing
Before the night is through.

I ear a violin,
A haunting gypsy violin,
And when its sights its strangely tender song
I know that I belong

At the Balalaika
Oh! let me linger there till the break of the day
Where hearts are young and Balalaikas play
I have a «rendez-vous».

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

511—DERAM-LHE UMA ESPINGARDA *(Lisboa)*. — Judy Garland tem 16 anos. *O Feiticeiro do Oz* e *De Braço Dado* contam-se no número da simpática estrelinha. É possível que ela case com o Mickey, nalguma fita. Na vida real, não creio. — Transmito as tuas saüdações a *Eterna Garota, Mélita, Maria Madalena, Marília, Maria Papoila, Ninon, Ninette* e, em especial, a *Sem Amor*. Êste leitor agradece e retribui as saüdações de *Balalika*.

512 — JOE MAX *(Tôrres Vedras)* — Jane Withers, que está uma senhora, continua a filmar. — O melhor filme de Victor Mac Laglen? Incontestàvelmente, é o *Denunciante*. — Êste leitor deseja possuir os versos da *Varanda dos Rouxinois*, cantados por Madalena Sotto, nos números de palco.

513 — D'ARTAGNAN *(Coimbra)*. — Manda, num simples postal, o teu nome, idade, profissão e morada, dirigido ao «Clube de Animatógrafo», Rua do Alecrim, 65 — Lisboa.

514 — OSWALDO SÁ *(Lisboa)*. — *Pare, veja e ame* é, de facto, um filme fraquinho. — Por ora, nada sei com respeito à possibilidade da Administração mandar fazer capas especiais, para encadernar *Animatógrafo*.—Não me surpreende o facto de não haveres ainda recebido foto de Maria da Graça. Até há pouco tempo, informaram-me de que ela não tinha dado ainda seguimento aos pedidos que recebera, por não dispor de fotos para tanto. É triste dizê-lo, mas, de facto, é mais fácil obter uma foto das vedetas estrangeiras do que das nacionais.

515 — REI DO FLIRT *(Pôrto)*. — Deves ser um excelente equilibrista... — Não estou nada de acôrdo, nem compreendo sequer, que odeies a Deanna Durbin! Pretenciosa?! Parece-me exagêro.

516 — UMA GAROTA ENDIABRADA II *(Lisboa)* — Respondo a uma carta escrita a tinta verde e assinada apenas por *Uma Garota Endiabrada*. Acrescentei ao pseudónimo a designação de segunda, para se não confundir com a legítima *Garota Endiabrada*, cujo nome tem aparecido nestas colunas. Peço-te, pois, gentilíssima consulente, que adoptes de futuro outro pseudónimo, para evitar confusões. Combinado? — A Shirley Temple nasceu a 23 de Abril de 1929. — No número vindo a lume a 17 de Fevereiro, deves ter encontrado os títulos dos principais filmes da menina dos caracóis. — De Deanna Durbin, veremos esta época ainda *Data Memorável* (It's a date).

517 — PRINCESA DO PATIM. — *(Lisboa)*.—Cá estou a receber-te com as honras devidas às nossas consulentes. Muito gostei de travar conhecimento epistolar com a tua sereníssima pessoa.— Alguns filmes de Sonia Henie: *A Rainha do Patim, A Carruagem de Sua Alteza, Rapsódia de Prata*, etc. — Espero ter o prazer de te ver de novo.

518 — BENJAMIM *(Lisboa)*— Não me fale em «lapsos» nem em «colapsos». São duas coisas terríveis. — Para o ficheiro estar completo, parece-me indispensável um bom retrato. — As excepções são sempre excepções. E, por vezes, distinções. — Talvez esteja de acôrdo consigo, quando me diz que *Ninotchka* e *Tovarich* são dois filmes «perigosos?» De facto, a Garbo e o Basil Rathbone, os comunistas, são dois argumentos de simpatia, temíveis... —Não lhe perdôo que não tenho visto ainda *O Monte dos Vendavais*. Quem sabe se o ciclone teria sido, para si, uma espécie de aviso da Providência cinéfila!...— Modo mais emocionante, repito, do que descer uma ladeira sem travões... É talvez porisso que as raparigas mais destemidas são as mais curiosas. E as aves mais alegres são também as que vivem fora das grades, mesmo que sejam as de gaiolas doiradas...

519 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)* — Respondo a 3 postais que me escreveste no espaço de quatro dias. — Sôbre a Gene Tierney publicamos, oportunamente, algumas notas. Escreve-lhe para 20 th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — *Joy Hodges*. Escreve-lhe para The Standard Casting Director, P. O. Box 900, Beverly Hills, Califórnia.—Alguns films de Constance Bennett: *Moulin Rouge*, o *Aventureiro de Florença, O Par Invisível, Sua Ex.ª o Vagabundo, O Par Invisível diverte-se*, etc. Alguns dos filmes mais célebres de Irene Dunne: *Roberta, Os pecados de Teodora, Com a verdade me enganas, Alegria de viver, Êle e ela, Quando o outro dia chegou*, etc.—Marlene tem 37 anos; Jean Arthur nasceu a 17 de Outubro de 1908.— Loretta Young nasceu a 6 de Janeiro de 1913. — Alguns filmes de Jeannette Mac Donald: *O gato e o violino, A Parada do amor, A viúva alegre, A Princeza Endiabrada, Rosa Maria, São Francisco, Primavera, A Espia Bailarina, A Serenata Fantástica, Lua Nova*, etc. — Jean Parker: The *Standard Casting Director, P. O.* Box 900, Beverly Hills, Califórnia. *Conde Axel de Fersen da Suécia* agradece os cumprimentos de *Ninon* e gostaria de se cartear com *Grande Amorosa*.

520—OUBLI *(Lisboa)* — Eleanor Powell é incontestàvelmente muito melhor bailarina do que a Ginger Rogers. No entanto, há quem prefira esta, para parceira do Fred Astaire. Como tu, achei *Idílio Musical* um filme agradabilíssimo. E o par Fred-Eleanor parece-me não ter, tècnicamente quem com êles possa competir.— Talvez a Loraine Day satisfaça o teu pedido, sem que lhe envies os 5$00. — Com as vedetas portuguesas acontece freqüentemente o que me contas: nem sequer respondem às cartas que os admiradores lhe escrevem! É triste dizê-lo, mas é assim!

521 — REY... SEM TRONO *(Lisboa)* — Respondo a duas cartas tuas. — O «truque» do «curto circuito» de *Nick e Esposa Detectives* fundamentalmente está certo. Mas não me parece que fôsse possível executá-lo na prática. — Podes escrever em português, a Ann Sheridan para The Standard Casting Director, P. O. Box 900, Beverly Hills, Califórnia.—Êste leitor saúda tantos leitores e leitoras, que bem pode considerar-se uma saúdação geral. Aqui fica feita!

522 — CONDE MISTERIOSO *(Lisboa)* — *Casados de fresco* é, de facto um filme um bocado murcho... Às vezes, Conde amigo, há títulos que enganam! —No melhor pano cai a nódoa. E assim, com os realizadores acontece o mesmo. De vez em quando, é cada estenderete... — Talvez consigas obter a letra das canções de *Pão Nosso*, solicitando-as à Nacional-Filmes. No entanto, talvez algum leitor as possua e as remeta para ti, por meu intermédio.

523 — BOB TAYLOR (Lisboa) —Tenho duas cartas tuas na minha frente e vou responder em globo. — Escreve a Nia Gowes, Shirley Ross e Libby Marken, ao cuidado do Standard Casting Director, P. O. Box 900, Beverly, Hills, Califórnia.—*O Feiticeiro de Oz* é um espectáculo maravilhoso. E nos três companheiros da Judy, há que, ver o símbolo de três tipos muito comuns. nesta pobre Humanidade...—Bob Taylor desejava corresponder-se com *grande Amorose* e *Ninette*.

524 — FAN DE ALICE FAYE *(Lisboa)* — «Não sei o que hei-de dizer. Mas vou fazer o possível por dizer alguma coisa?» Lida a tua carta, cheguei à conclusão de que não conseguiste os teus bons propósitos. Limito-me pois a agradecer as tuas saüdações amigas.

525 — HEADHCLIFF *(Coimbra)* — Pelo que me contas. tens visto aí em Coimbra excelentes filmes.—Breve daremos uma excelente foto da Myrna Loy.—Por ora, não há razão para alarmes. A América tem-nos enviado os seus filmes com uma actualidade espantosa. Sob o ponto de vista cinematográfico, a guerra fortaleceu a posição de Portugal, em relação aos U. S. A. Como sabes, as delegações europeias dos grandes filmes «yankees» estão funcionando em Lisboa. — «Se tivermos a sorte de ter a Deanne, a Myrna, a Ginger ou a Lamour, como enfermeiras, dizes-me tu, não te importarias de apanhar um tiro...» O pior era se a bala se enganava no caminho e tu, em lugar de vires para o hospital, ias para debaixo duma cruz de madeira...

Bel-Tenebroso



UMA FOTOGRAFIA SINGULAR

Reparem nesta fotografia. Não a acham singular? O jôgo de luz, a sábia utilização do claro-escuro, a posição das duas figuras, o ângulo e o enquadramento escolhidos dão, na verdade, a esta foto uma categoria excepcional. Tôda ela ressuma arte e clareza. Arte e beleza tão simples de aparência que se não repara na dificuldade havida para se obter o efeito desejado. Chamamos singular a esta fotografia e supomos que o leitor concordará connosco. De facto, estamos diante duma obra invulgar, conquanto despretenciosa, mas não quisemos deixar de chamar a atenção daqueles que apreciam obras belas para esta que alia à sua beleza uma singularidade única. Damos agora a palavra a Jaime de Castro, que vai falar sôbre Loretta Young, que vemos nesta fotografia.

Não fôra impunemente que Mrs. George Belzer deixara Salt Lake City, a cidade famigerada dos mormons, onde hoje perpassam ainda as sombras de Joseph Smith e de Brigham Young, figuras máximas dessa seita complicada e estranha, para ir viver para Hollywood. Foi lá que Mrs. Belzer se fixou com os seus.

Estar em Hollywood e não se ser atraído pelo cinema é fenómeno de que não há memória. Foi o que sucedeu às quatro filhas da senhora Belzer. Nenhuma delas deixou de cumprir essa lei inexorável.

Tôdas as quatro vieram para o cinema.

Polly Ann Young, a mais velha, não passou duma simples «leading-lady», para a breve trecho abandonar o estúdio por um casamento rico, com Carter Herman, um negociante de Pasadena. Sally Blane chegou a ser estrêla; mas o brilho apagou-se quando casou com o realizador Norman Foster. Loretta Young continua a ser uma estrêla de primeira grandeza, das de 250 mil dolares de ordenado por ano. Georgiana, a benjamina da família, seguindo a tradição, começou agora, e com o pé direito, ao que se diz. Vimo-la o ano passado, com as suas outras irmãs, na «Vida de Graham Bell». Faziam precisamente os papeis de quatro irmãs. Nunca o cinema fôra tão longe, como realidade!

Polly Ann Young encontrava-se em Salt Lake City, de visita à família.

Ao telefone estava o realizador da First National, Mervyn Le Roy. Vinha convidar Polly Ann para um papel num filme de Colleen Moore, a vedeta suprema da época. Foi Loretta quem atendeu e informou Mervyn que a irmã não estava. E, como uma tal oportunidade não aparecia todos os dias, ofereceu-se para o papel que destinavam à irmã.

Mervyn Le Roy achou graça e convocou-a para o dia seguinte. Dois dias depois contracenava com a simpática vedeta de franja preta, em «Naughty but Nice»...

Foi assim que em 1927 Loretta Young começou a sua carreira que conta hoje para cima de sessenta filmes!

Loretta Young é, sob o ponto de vista sentimental, um dos casos mais sérios que a crónica amorosa de Hollywood tem conhecido.

Casada, contra a vontade da família, aos 17 anos, com um actor de segunda ordem — Grant Withers — a breve trecho compreendeu o êrro dêsse passo, que um divórcio, alguns meses depois, apressou a solucionar. Durante dois lustros ninguém lhe ouve falar em casamento. Isso não a impede, evidentemente, de ser protagonista de variados romances de amor. E perpassam, assim, na sua vida, com maior ou menor velocidade, os nomes de Ricardo Cortez, Herbert Somborn, ex-marido de Gloria Swanson, o realizador Eddie Sutherland. Vem a seguir o campeão de tennis Fred Perry, Tyrone Power dá origem a uma guerra sem quartel em que Annabella leva a melhor, levando Tyrone ao altar. A lista prossegue com os nomes de David Niven, de William Buckner, quási um meteóro, de James Stewart.

A 31 de Julho de 1940 casou com Tom Lewis, empresário de rádio. Desta vez, parece, Loretta acertou!

Gretchen Belzer é o seu verdadeiro nome... A dansa e a aviação são os seus passatempos predilectos... Mora em 10539 Sunset Boulevard, em Bel Air, Califórnia.

JAIME DE CASTRO

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Não há ninguém que não deseje ver JANET CHAPMAN, que o EDEN vai apresentar em «A Menina da Sorte», ao lado de Frank McHugh

ÉSTE NÚMERO CONTÉM DOIS RETRATOS-BRINDE: ILONA MASSEY E NELSON EDDY